

***RTP: As rotinas produtivas dos jornalistas de televisão na
editoria de “sociedade”***

Filipe Miguel Canhoto Ribeiro

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo

Maio, 2016

***RTP: As rotinas produtivas dos jornalistas de televisão na
editoria de “sociedade”***

Filipe Miguel Canhoto Ribeiro

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo

Maio, 2016

O Relatório de Estágio que se segue é para efeitos de conclusão do grau mestre do discente Filipe Ribeiro, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, com orientação do Professor Doutor Paulo Nuno Vicente

“A natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer”

Felipe Pena

Agradecimentos

“O jornalismo é demasiadas vezes reduzido ao domínio técnico de uma linguagem e de formatos, e os jornalistas reduzidos a meros empregados, trabalhadores de uma fábrica de notícias”

(Traquina, 2002:11)

Todo e qualquer pai e mãe quando decide formar um filho tem como objetivo que ele tenha sucesso profissional. Que ele ao escolher o curso, se empenhe, se esforce, que tenha gosto pessoal e que aprenda as ferramentas necessárias para poder seguir o seu rumo. Certo é que as dificuldades económicas que Portugal enfrenta poderiam prejudicar o meu percurso académico. A meu ver é um privilégio poder terminar este ciclo de vida com a ajuda dos meus progenitores. Que nunca se impuseram a qualquer escolha que tenha tomado ao longo destes anos. Sempre estiveram presentes e apoiaram o caminho que queria tomar. Com algum desânimo olhavam para o quadro que incluía as piores profissões do ano. Jornalismo e a área da comunicação são ano após ano tidos como as piores. Como pais protetores e responsáveis que são ficavam preocupados com o futuro do seu filho, mas nem por isso deixam de acreditar no talento e no valor do seu filho. É a eles (Hortênsia e Fernando), juntamente com a minha irmã (Sofia) que agradeço toda a paciência que tiveram para que hoje possa dizer, sou Jornalista. E sou graças a eles que sempre estiveram lá para me apoiar. Queria aproveitar para agradecer a toda a minha família que também sempre esteve presente. Aos meus amigos que sempre disseram “ainda te vou ver na televisão” e a todos aqueles (professores e colegas) que privaram comigo para me ajudarem a completar este ciclo.

Agradeço a uma das estações de rádio que foi o pilar para o meu desenvolvimento profissional. A bagagem que ganhei foi crucial no momento da decisão e daquilo que seria o meu futuro.

Agradeço ao grupo RTP que me acolheu durante três meses para um estágio curricular, onde aprendi muito, e que serve de base a este Relatório de Estágio que incide sobre a redação deste órgão de comunicação social. À Ana Romeu e Rita Ramos que foram as minhas coordenadoras de estágio que sempre me apoiaram e deram tarefas para que pudesse avançar e aprender. Aos jornalistas investigados que se mostraram sempre recetivos a perguntas e perguntas sobre a análise.

Por fim, um agradecimento especial ao grupo de docentes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em particular ao Professor Doutor Paulo Nuno Vicente que orientou esta investigação.

RTP: As rotinas produtivas dos jornalistas de televisão na editoria de “sociedade”

Filipe Miguel Canhoto Ribeiro

Resumo

Este relatório de estágio propõe uma reflexão sobre o jornalismo televisivo que é feito em Portugal. O estudo incide em vários jornalistas da editoria de sociedade da RTP. Durante cinco dias de investigação propomos-nos a perceber as rotinas de um jornalista de sociedade e os seus dilemas.

Esta investigação apresenta-se com o objetivo de perceber as realidades, as dificuldades e as mudanças que os jornalistas desta área enfrentam. O mundo não é estático e os acontecimentos estão em constante alteração. A velocidade de informação tem adquirido, nos últimos tempos, proporções gigantescas. Cada vez há mais temas para desenvolver, num século, em que o jornalismo convive de braços dados com uma verdadeira crise de identidade. As redações são pequenas para tantos acontecimentos. Os jornalistas têm sido reaproveitados para todas as áreas, sabendo que a editoria de sociedade é aquela que mais alberga o maior número de temas e, aquela, que mais jornalistas sustenta.

Neste Relatório pretendemos perceber se os jornalistas de sociedade da RTP convivem com este problema e de que forma são as suas rotinas para que se consigam adaptar às novas realidades.

Palavras-chave: Jornalismo Especializado; Jornalismo Televisivo; RTP; Sociedade

Abstract

This internship report serves as a reflection on television journalism, in Portugal, focusing on the day-to-day lives of several journalists in the Society News Department at Portugal's National Broadcaster - Rádio e Televisão Portuguesa (RTP). During the course of five days of investigation, we intend to acknowledge the struggles, their vicissitudes and routines of an journalist, in this specific department.

The world we live in isn't immutable and certain events, happening each day, make it different. The speed at which information flows has grown exponentially in the past few years. There are more and more topics to be discussed about, more and more subjects that require more thoroughness, in a century where journalism faces a massive identity crisis. Newsrooms have become small for so many events taking place at the same time. Journalists have been "recycled" and thus being placed in all different news departments. The society news department, which is usually the one that abides the largest number of subjects, is also the one that bears more journalists.

Facing this, we intend to acknowledge if the journalists in the Society News Department at RTP face this problem and in what way do they change their daily routines as to readjust to their new positions.

Keywords: Specialized Journalism; Television Journalism; RTP; Society News

Índice

Abreviaturas	9
Terminologias de Televisão	10
Introdução	11
Capítulo I: RTP	
1.1. Percurso do “curricular”: na RTP	13
1.2. Historial da RTP	15
1.3. Serviço-público da Rádio e Televisão	18
1.4. Organização da redação de informação em televisão	20
Capítulo II: Jornalismo Televisivo	
2.1. A imagem na construção social da realidade	22
2.2. Rapidez informativa em televisão	25
2.3. O Agenda-Setting em televisão	30
Capítulo III: Jornalismo Especializado	
3.1. Jornalismo Especializado: Vantagens e desvantagens	32
3.2. Jornalismo Especializado: em Sociedade	36
Capítulo IV: Estudo de caso – A editoria de sociedade da RTP	
4.1. A editoria	39
4.2. Desenho da investigação e Metodologia	40
4.3. As rotinas dos jornalistas analisados	
4.3.1. Caracterização de cada jornalista investigado	42
4.3.2. Horários de entrada na RTP	43
4.3.3. Primeiro dia	44
4.3.4. Segundo dia	46
4.3.5. Terceiro dia	50
4.3.6. Quarta dia	52
4.3.7. Quinto dia	54
4.3.8. Observações finais da análise	57
4.3.9. Investigação a recém-contratadas	
4.3.9.1. Mariana Flor	59
4.3.9.2. Patrícia Cadete	60
Conclusão	59
Bibliografia	64
Anexos	66

Abreviaturas

- **RTP** – Rádio e Televisão de Portugal
- **SIC** – Sociedade Independente de Comunicação
- **TVI** – Televisão Independente
- **ENPS** – Electronic News Production System
- **ERC** – Entidade Reguladora da Comunicação
- **IPMA** – Instituto Português do Mar e da Atmosfera
- **TIAC** – Associação Cívica Transparência e Integridade
- **ITM** – Índice de Transparência Municipal
- **AGS** – Aquisição e Gestão de Sistemas
- **APAV** – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
- **AR** – Assembleia da República
- **PSD** – Partido Social Democrata
- **CDS-PP** – Partido Popular
- **TAP** – Transportes Aéreos Portugueses
- **ANAC** – Autoridade Nacional de Aviação Civil

Terminologias de Televisão

- Alinhamento – Sequência de notícias de um espaço informativo
- Bolacha – Imagem que surge no canto do ecrã
- COLA – Duas vt's sem pivot (vt's = vídeo tape)
- DVE – Grafismo
- ENV – Blocos de imagem recebidos das agências
- Montagem – edição da peça
- Oráculo – Informação escrita, colada sobre a vt
- Off2 – Sequência de imagens sonorizadas pelo pivot
- Pintar – colocação de imagens durante a peça
- Pivot – Apresenta o informativo
- Promo – Sequência de imagens que anuncia o trabalho a apresentar
- Vivo – Declarações do jornalista ou do entrevistado
- Vozoff – Voz de fundo das peças

Introdução

Este relatório de estágio tem como ponto de partida o jornalismo de sociedade na redação de televisão da RTP. O relatório surge no âmbito do estágio curricular na RTP para terminar o segundo ciclo de estudos. Descrever a forma como está estruturada a redação RTP, em termos de editorias, e caracterizar mais especificamente a editoria de sociedade este é o propósito do relatório.

A importância do estudo prende-se pelo facto de existirem muitos jornalistas na editoria de sociedade e por ser uma das secções vitais de uma televisão. Visto que trabalhamos durante três meses na editoria de sociedade é para nós mais fácil perceber quais são os seus problemas, angústias e, com isso, caracterizá-la. Permitir que quem esteja em casa a assistir o telejornal – principal serviço noticioso do universo RTP e também aquele em que a redação de Lisboa está mais focada – ou a outro serviço de informação consiga perceber que existe muito mais para além do um minuto e meio de peça. Existem muitas contrariedades, que advêm dos avanços tecnológicos, em que muitas vezes os jornalistas não têm o devido tempo de reflexão, de preparação, para os temas que investigam. Dentro desta editoria, considerada uma das mais importantes e aquela que tem mais funcionários a seu cargo, propomo-nos a “despir” a secção permitindo conhece-la e com isso refletir nos problemas que ela enfrenta.

Escolhemos os profissionais da secção de sociedade da RTP como objeto de estudo, porque a Televisão Pública, para além de ser o operador televisivo com mais anos de emissão em Portugal, é um grupo que, à semelhança dos outros (SIC e TVI) que também têm canais generalistas, emite mais tempo, em sinal aberto, informação, o que reserva na sua programação mais períodos para este serviço. Logo à partida o grupo RTP tem dois canais generalistas (RTP1 e RTP2) que emitem em sinal aberto ao longo de 24 horas vários programas informativos. “Bom dia Portugal”, “Jornal da Tarde”, “Portugal em Direto”, “Telejornal”, “Linha da Frente”, “Sexta às 9”, “Jornal 2”, “24 horas” e outros que são emitidos nestes dois canais. Sabendo que os temas de sociedade estão em maioria num alinhamento de um jornal informativo é por esta razão que este estudo investigativo decorre.

Este estudo visa contribuir para podermos refletir no jornalismo que é feito em pleno século XXI. Percebendo que o jornalismo não é um mar de rosas e que também ele atravessa um conjunto de dificuldades inerentes à falta de tempo e ao consumo cada vez maior por parte das pessoas. Existem cada vez mais meios digitais que combatem com a televisão o que faz com que este meio dito tradicional tenha que atoar rapidamente para não ficar atrás da concorrência. De que forma é que esta pressão excessiva não pode influenciar no trabalho jornalístico? Os jornalistas serão capazes de um momento para o outro mudar de tema em função da realidade? Existe espaço para que os jornalistas consigam compreender os assuntos? Serão estes jornalistas considerados especializados ou um “tapa buracos”. São questões que pretendemos desenvolver com a nossa investigação para que no fim possamos concluir o estado do jornalismo de sociedade da redação da RTP.

Este relatório está dividido em vários capítulos. O primeiro pretende dar a conhecer o percurso que o jornalista curricular teve ao longo dos três meses de estágio, dar a conhecer a história da estação pública de rádio e televisão, o serviço público e ainda perceber como está organizada a redação de informação.

No capítulo II iremos abordar um conjunto de questões que nos parece pertinente abordar visto que analisaremos mais tarde a editoria de sociedade da RTP. Seja esta secção ou outra é importante, senão crucial, ter noção de como se constrói a realidade social em televisão, que papel tem a informação televisiva na vida das pessoas.

O capítulo que se segue prende-se com a especialização jornalística. Será que existe um jornalismo especializado? Se existe quais as suas vantagens e desvantagens. Que tipo de jornalismo se pratica na editoria de sociedade da rádio e televisão pública? Existindo uma realidade cada vez maior pela velocidade da informação que tipos de constrangimentos surgem na produção noticiosa, principalmente, numa área tão vital para a televisão portuguesa.

No quarto, e, último capítulo, centrar-nos-emos na análise prática da editoria de sociedade. Pretendemos compreender as suas dinâmicas, a sua importância e, sobretudo, as dificuldades que têm enfrentado nos tempos recentes. Dentro deste capítulo vamos acompanhar a vida de três jornalistas desta secção e perceber se tudo aquilo que “imprimem” sobre a editoria é verdade. Serão capazes os jornalistas de sociedade desempenhar um grande número de acontecimentos com tão pouco tempo de preparação e reflexão? Como eles próprios definem este tipo de jornalismo será um dos nossos pressupostos.

A televisão, independentemente das dificuldades que enfrenta, continua a ser um *media* muito poderoso. Continua a fazer parte da vida de cada português. Transmite de uma forma organizada e sintetizada informações nacionais e estrangeiras. Bulger num dos seus inúmeros trabalhos publicados considera que a “televisão, a sua linguagem e os efeitos socioculturais são hoje matérias com uma densidade que bem justifica a atenção que na universidade lhes é consagrada”. Este foi um dos pilares que nos fez prosseguir a nossa área de conhecimento na área televisiva.

Parece-nos importante também perceber, numa altura em que o país atravessa uma grave crise financeira e social, se existem alguns condicionalismos na construção da realidade através do tempo e também das leis do mercado (medidas pelas audiências).

Capítulo I – RTP

“O difícil é escolher” – slogan da RTP

1.1. PERCURSO DO “CURRICULAR”: na RTP

O estágio curricular teve início no dia 14 de Setembro de 2015 e só terminou, após um prolongamento, no dia 31 de dezembro de 2015. O estágio teve orientação da jornalista Ana Romeu e Rita Ramos, na Direção de Informação da Televisão – secção de sociedade.

Durante estes três meses e meio as atividades foram várias. Desde acompanhamento de jornalistas nas saídas para o terreno (em reportagem), escrever o texto da peça sobre a reportagem que fomos investigar, visionámos e editámos as imagens recolhidas pelo repórter de imagem, contactámos fontes de informação envolvidas no acontecimento, os recursos e as credenciais necessárias, analisámos durante uma semana o principal serviço informativo da estação pública, o Telejornal, sob observação do atual pivot, João Adelino Faria, bem como praticámos a escrita de pivots, promocionais e destaques de abertura do mesmo serviço, assistimos também a vários programas na régie para percebermos o funcionamento da máquina televisiva e, por último, demos voz a dobragens para peças da RTP África.

De realçar que todos os estagiários deveriam passar por todo este processo de escrita, seleção e edição com a revisão do jornalista e do orientador que permite aprender as regras de escrita para televisão. As peças que fizemos e editámos, deram-nos, a possibilidade de ficar com elas para currículo.

Foi também importante conhecer bem a redação de informação que está dividida por várias secções que vão desde a política, à cultura passando pelo desporto, economia, internacional, sociedade e outras. É crucial termos acesso à Agenda de informação porque nos permite ficarmos com uma “luz” sobre aquilo que vai acontecer no país e no mundo e não só. Permite aos coordenadores das estações ou editorias, como lhe quisermos chamar, fazer um planeamento do que é realmente importante trabalhar para o dia ou para o seguinte. A agenda está disponível no servidor/software – ENPS. Este é um programa que é muito utilizado nas televisões que dá suporte a praticamente tudo. No programa somos capazes de interagir partilhando mensagens com outros jornalistas, permite-nos aceder e trabalhar nos alinhamentos dos programas, escrever peças jornalísticas, aceder a agências de informação, como a Lusa, Agence France Presse e a Reuters, bem como preparar conteúdos visualizáveis como os oráculos.

Fizeram também questão que aprendêssemos a mexer nos programas de edição de imagem – Quantel sQview e sQcut – para visionarmos as imagens que o repórter de imagem captou ou então para editarmos produtos de informação rápidos, como a edição de um *off* o que nos permitiu também aprender algumas técnicas de edição.

Durante este estágio foi ainda possível visitarmos os estúdios dos programas “Agora Nós”, “Preço Certo” e outros no que concerne à televisão. Visitámos os estúdios da rádio nomeadamente da Antena 1, Antena 2, Antena 3, RDP Internacional, Açores e Madeira incluindo os estúdios de edição e emissão das rádios temáticas online. Colaborámos ainda numa ação de formação para um grupo de operadores de DSNG, com simulações de diretos e entrevistas com o formador Manuel Tomaz.

Uma experiência que certamente deveria ser vivenciada por todos os alunos e aspirantes à profissão de jornalista. Sair dos bancos da faculdade formados pelo autor x ou y e passar para a realidade atual é, extremamente, estimulante e motivante para a tarefa social que está nas nossas mãos. A escrita, a seleção, a edição são processos/rotinas de trabalho que qualquer jornalista convive e tem que conviver. Estagiar na RTP permite-nos ganhar confiança para o mundo que se avizinha, dotando-nos de técnicas e saberes importantes somente faltando publicar os trabalhos feitos. Esta última fase só é possível a quem tem o dístico de Jornalista atribuído pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalista. Todo o processo autónomo que um jornalista trabalhador na RTP faz é executado pelo estagiário. Outro dos pontos positivos de estagiar na RTP é que os assuntos a trabalhar não se baseiam somente à secção que fomos inseridos aquando do início do estágio, mas sim explorar um pouco das restantes secções. Tivemos a oportunidade de passar pela política, economia, desporto, cultura e internacional para além de sociedade onde estamos inseridos.

Desta forma, ao longo destes três meses e meio, ficámos com um conjunto de comportamentos e normas que devem ser respeitadas pelos jornalistas.

1.2. Historial da RTP

A Rádio e Televisão de Portugal (RTP) como todos sabemos é uma empresa do estado que, como o nome indica, inclui serviços de rádio e televisão. Até há bem pouco tempo os serviços (rádio e televisão) estavam separados constituindo-se entidades jurídicas independentes. O aglomerado dá-se no ano de 2004 quando são reestruturadas e fundidas numa só. Antes de chegarmos a esta fusão, convém recuarmos alguns tempos atrás para nos situarmos no tempo e no espaço.

Para a rádio a história começa-se a contar a partir de 1935. A televisão surge só em 1957. Os primeiros passos para que a televisão chegasse ao patamar dos dias de hoje deram-se em 1955. A 18 de outubro de 1955, para sermos mais precisos, que através do Decreto-lei n.º40 341¹, o Governo decide criar uma sociedade anónima para a prestação de um serviço público de televisão. A 15 de dezembro de 1955 é constituída, por iniciativa do Governo, a RTP – Radiotelevisão Portuguesa, SARL. Possui-a, segundo Decreto-lei, um capital social de 60 mil contos, tripartidos entre o Estado, emissoras de radiodifusão privadas e pessoas particulares. Na alínea número 1 do artigo n.º3 do mesmo Decreto-lei pode ler-se que “o Governo reserva-se a faculdade de nomear, pela Presidência do Conselho, um ou dois administradores da sociedade concessionária, consoante o respetivo conselho de administração seja composto de três ou cinco membros”.

Depois de legalizada pelo estado português, meses mais tarde, as emissões experimentais da RTP deram início. Tudo aconteceu nas instalações da Feira Popular a 4 de setembro de 1956, por volta das nove e meia da noite. No entanto as emissões regulares só se iniciaram a partir do dia 7 de março de 1957. Assim começa a televisão portuguesa, embora não para todos uma vez que apenas foi possível transmitir para 65% da população². No Decreto-lei já mencionado refere que numa primeira fase o serviço da concessionária é obrigada a chegar a “regiões de maior densidade populacional, abrangendo, pelo menos, as regiões de Lisboa, Porto e Coimbra”, ficando também a concessionária incumbida de “elaborar planos para o desenvolvimento, em fases subseqüentes, da cobertura de outros centros populacionais do território português, de acordo com as previsões que seja possível estabelecer, tendo em vista o interesse manifestado pelo público”.

Com a evolução do projeto e pela ansia do público em querer ver televisão, a RTP instalou a sua sede em dependência da Emissora Nacional, na rua do Quelhas, e aí ficou durante um longo período de tempo até ter acomodação própria, na cave de um antigo palacete da rua de São Domingos.

Havia, portanto, uma grande necessidade para obter um espaço maior para a realização das emissões diárias da RTP, por isso são aproveitados os antigos estúdios

¹ Segundo o artigo 1.º “O Governo promoverá a constituição de uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, em conformidade com o disposto na Lei n.º1994, de 13 de Abril de 1973, com a qual contrate a concessão do serviço público de televisão em território português, nos termos das bases anexas a este diploma e que dele fazem parte integrante”

² Dados obtidos pelo *site* <http://www.gmcs.pt/pt/breve-retrospectiva-historica-20130314-115310> - consultado a 2 de fevereiro de 2016

cinematográficos desativados e localizados perto da Alameda das Linhas de Torres, no Lumiar. Neste mesmo sítio viveram-se os primeiros momentos da televisão portuguesa. Transmitiram-se programas informativos, de lazer, surgiram os primeiros festivais da canção, teatros que começaram mais tarde a ser transmitidos em direto.

Dez anos depois, em 1968, a RTP começa a querer diversificar os seus produtos e ao aumentar os canais. O primeiro passo para o universo RTP. Foi num dia de Natal que a estação pública decidiu abrir um segundo canal, mais limitado, que viria a chamar-se RTP 2³. Mais tarde, já na década de 70, apareceram outros dois canais muito a pedido das populações dos arquipélagos portugueses: a RTP Madeira, em 1972, e a RTP Açores em 1975.

Foi precisamente em 1975 que a história da RTP começa a dar uma grande reviravolta. Um ano de mudanças quer no país quer na RTP. A empresa é, portanto, nacionalizada deixando o estatuto de empresa concessionária da radiotelevisão para uma empresa pública de *Rádiatelevisão Portuguesa, EP*.

Os anos 80 fizeram mudar o paradigma da televisão a preto e branco. Foi a 7 de março que começaram as emissões a cores, sendo, um marco importante para a televisão portuguesa. O Festival da Canção da 1980 foi o primeiro programa emitido a cores em Portugal pela RTP. Através deste pequeno, grande, pormenor surgiram outros desafios à televisão como a transmissão de várias cerimónias o que fez abrir no espaço televisivo, um debate aceso, sobre a possibilidade de criar meios privados de televisão. Esta discussão só terminou em 1989 quando o Estado português permitiu que outras televisões fossem criadas no audiovisual português, abrindo um concurso público. A SIC (Sociedade Independente de Comunicação), de 1992, e a TVI (Televisão Independente), de 1993, foram então autorizadas a fazer televisão durante um período de 15 anos que foi renovado pela ERC (Entidade Reguladora da Comunicação) em 2006. Mais tarde a televisão viria a sofrer uma nova mudança, um pouco graças aos avanços tecnológicos disponíveis na altura foi possível criar a televisão por cabo em 1994.

Para a RTP os anos 90 foram momentos áureos. Foi possível através da criação da RTP Internacional⁴ e RTP África⁵ aumentar a propagação de sinal para o estrangeiro⁶.

³ Com base no Relatório de Sustentabilidade 2012 disponibilizado pela RTP “canal alternativo à RTP1 aberto à sociedade civil com enfoque nos espaços de debate, documentários e programas dirigidos para os públicos mais novos, para as minorias e para os cidadãos com dificuldades de comunicação e mobilidade”

⁴ Foi em 1992 do dia 10 de junho – Dia de Portugal – que se iniciaram as emissões via satélite para um território de mais de 200 milhões de habitantes. Tinham apenas seis horas de emissão que depois foram aumentadas para 24 horas por dia, em língua portuguesa.

⁵ “No dia 7 de Janeiro de 1998, iniciam-se as emissões regulares da RTP África para os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP): Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe. Produzida em parceria com os operadores de serviço público de televisão destes cinco países, a RTP África é complementada pela NET RTP, um projeto que visa a troca recíproca de programas e de notícias entre a RTP e as suas congéneres dos PALOP” in <http://www.gmcs.pt/pt/breve-retrospectiva-historica-20130322-152901>

A RTP África também é transmitida no território nacional, por cabo e satélite.

⁶ “Diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo põem os olhos na RTP, em países de língua oficial portuguesa, como o Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique,

Em 1992 através da Lei n.º 21/92 de 14 de agosto, a RTP passou a ser uma sociedade anónima de capitais inteiramente públicos – *Radiotelevisão Portuguesa, S.A.* Lei essa que foi revogada a 22 de agosto de 2003 quando transformou a empresa numa sociedade gestora de participações sociais – *Rádio e Televisão de Portugal, SGPS, S.A.*, atribuindo-lhe o título de Serviço Público de Televisão.

Em 2004, mais concretamente, a 31 de março a Rádio e Televisão de Portugal inaugurou as novas instalações na Avenida Marechal Gomes da Costa, em Lisboa, que se mantém até ao dia de hoje.

1.3. Serviço-público da Rádio e Televisão

A RTP – Rádio e Televisão de Portugal – é responsável pelo serviço público de rádio e televisão. Tal como já mencionámos, anteriormente, antes de 2004 a RDP e a RTP eram entidades jurídicas independentes e distintas. A partir desse mesmo ano a sigla RTP passou a designar o mesmo grupo.

Cabe ao Estado Português, de acordo com n.º5 do art.º 38 da Constituição Portuguesa, assegurar o funcionamento do serviço público.

Através do Relatório de Sustentabilidade escrito pela RTP pode ler-se que a “missão e os objetivos da televisão e da rádio são estabelecidos nas respetivas leis da Televisão e da Rádio e nos respetivos contratos de concessão de serviço público de televisão (celebrados em 25 de março de 2008)”. Para que estas obrigações sejam cumpridas pela empresa o “Estado garante o financiamento”

A empresa estatal apresenta um conjunto de valores entres eles estão: a independência editorial, face aos poderes estabelecidos pelo governo; Acessibilidade, universal para a generalidade da população; Pluralismo, na programação, permitindo a expressão e o conforto das diversas correntes de opinião; Cultura Nacional, que deverá ser preservada e fortalecida; Interesses das minorias, étnicas, regionais, religiosas ou de outra natureza; Inovação e Desenvolvimento, dado a RTP ser um operador tecnologicamente avançado; Informação, precisa, completa e contextualizada; Valorização, do experimentalismo audiovisual⁷.

O serviço público prestado pela RTP continua a ser um assunto discutível e deverá ser discutido abrindo-se o leque a toda a sociedade portuguesa. Eduardo Cintra Torres (2011) considera que se trata de “um tema de cidadania, pois não só lhe são atribuídos anualmente muitos milhões de euros com que os portugueses contribuem pelos impostos para o bem comum, como os conteúdos televisivos são feitos em nome do interesse público”. O mesmo autor justifica a existência do serviço público como uma alternativa política Estatal para educar e informar o povo, enquanto, que nos primeiros tempos a criação deste tipo de serviço se deveu também há inexistência de outros meios de comunicação.

Torna-se premente perceber por que razão é que o Estado deve estar presente nos *media* ou qual a sua intenção. “Justificava-se décadas atrás pela escassez de frequências hertzianas; pelo desinteresse da iniciativa privada no negócio televisivo; pela atitude paternalista de o Estado se considerar em posição de educar, informar e até entreter o povo” (Torres, 2011:81).

Sílvio Correia Santos⁸ é da opinião que o “Serviço Público de Rádio e Televisão (SPRT) tem constituído um tema fraturante na sociedade portuguesa, particularmente, na última dúzia de anos” considerando que atualmente é “uma instituição em risco, por vários motivos. Em Portugal a ameaça tem maioritariamente uma raiz financeira”, afirmando que “o mercado

⁷ Valores disponíveis em <http://img.rtp.pt/mcm/pdf/5a7/5a7fb346da3d705b5bdd24eb306d47871.pdf>

⁸ SANTOS, Sílvio Correia. Os Media do Serviço Público. Disponível através do endereço: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20130523201305_silviocorreiasantos_mediaservicopublico.pdf

é incapaz de produzir suficientes conteúdos capazes de alargar os horizontes dos cidadãos, tal como não será capaz de inovar, portanto, arriscar economicamente”.

A RTP passou ao longo das últimas décadas por vários momentos marcantes. Assistimos ao papel que o Estado adquiriu como dominador das suas políticas sociais numa ditadura gerida por Marcello Caetano que durante a primeira Assembleia-geral da RTP disse que “a televisão é um instrumento de ação, benéfico ou maléfico, consoante o critério que presidir à sua utilização. O Governo espera que os dirigentes do novo serviço público saibam fazer desse instrumento um meio de televisão moral e cultural do povo português” (Silveira, J.F. e Shoemaker, P., 2010:61 *apud* Teves, 1998:29). Mais tarde afirmava que se tratava de uma “televisão portuguesa, isto é, para Portugal e digna de Portugal – digna da nossa história, do nosso patriotismo, das nossas tradições e das nossas crenças, instrumento de alavanca da elevação cultural, artística e espiritual da boa gente lusitana” (*apud* Teves, 1998:41).

Como já foi mencionado, outro grande período importante para a empresa é quando esta é nacionalizada e passa a ser pública estando obrigada a prestar serviço público através da Lei da Televisão. Onde se pode ler que os objetivos da televisão passam por, segundo o artigo 9 na Lei da Televisão n.º 2/2007 de 30 de julho, “contribuir para a informação, formação e entretenimento do público; promover o exercício do direito de informar, de se informar e de ser informado, com rigor e independência, sem impedimentos nem discriminações; promover a cidadania e a participação democrática e respeitar o pluralismo político, social e cultural; Difundir e promover a cultura e a língua portuguesa, os criadores, os artistas e os cientistas portugueses e os valores que exprimem a identidade nacional”.

É por isso de conteúdos que se trata. Conteúdos que podem ser de cariz informativo ou de entretenimento. Existindo o direito de informar, de se informar e ser informado com a máxima responsabilidade social. Cintra Torres (2011) diz que a “TV tenderá a ser conteúdos que os consumidores escolhem *à la carte*. Assim sendo, o serviço público tem de ser pensado mais como conteúdos do que como canais, como enchimento de grelhas, como quotas de géneros, como quotas de partidos nos telejornais” afirmando que “até agora, a criação em exclusivo de conteúdos de interesse público não é prioridade, porque a RTP segue sistematicamente a estratégia de obtenção do máximo de audiências com o mínimo de serviço público, nomeadamente para beneficiar com 20% ou 25% de share a propaganda do governo que estiver e a estratégia comercial”.

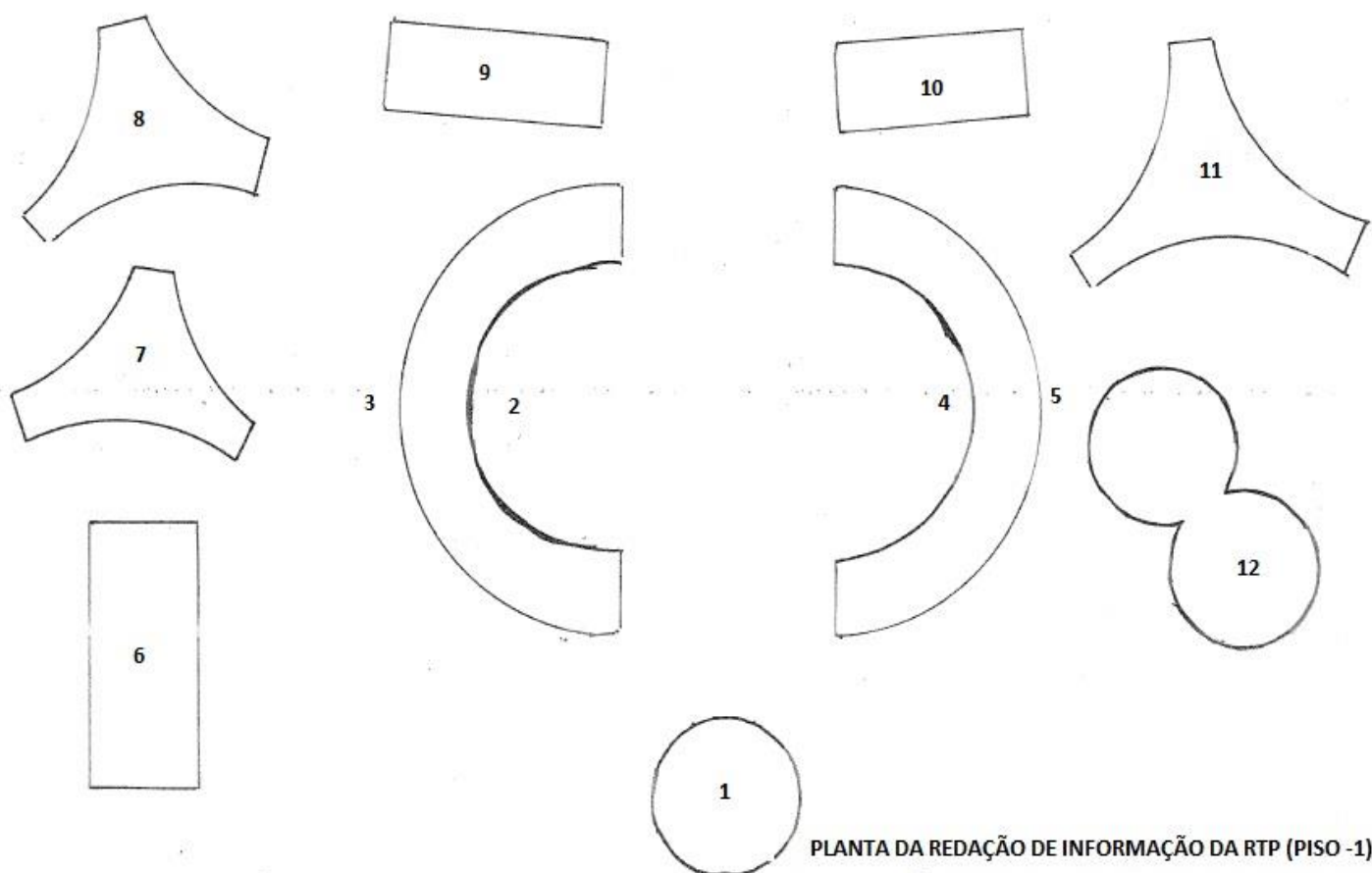
O mesmo autor responde à pergunta: que tipo de programas deve ter o serviço público? “Sem se defender uma servidão ao trinómio educar, informar, entreter, dado que essas três funções hoje se misturam em muitos programas e já não se justifica o paternalismo do Estado nestas matérias, parece razoável que o serviço público devesse despende o máximo de recursos em programas que trouxessem valor acrescentado aos espetadores, pela informação, pela formação e porque o fazem ajudando a passar o tempo”.

1.4. Organização da redação de informação: em televisão

Começamos por explicar que esta temática apenas se refere à televisão. Iremos mostrar plantas de como está organizada a redação que trabalha para os diversos serviços de informação da RTP.

Em Portugal Continental o grupo RTP está dividido por vários centros de produção de informação espalhados pelo país de forma a chegar aos locais no menor tempo possível conseguindo em algumas circunstâncias relatar os acontecimentos em tempo real (direto). O universo é constituído pela sede, situada, em Lisboa, na Avenida Marechal Gomes da Costa, pelo Centro de Produção do Porto e pelas diversas delegações regionais. Na verdade estas últimas são designadas por três tipos: Centro Regional Comum (CRC); Centro de Informação Regional (CIR) e Unidade de Produção e Informação (UPI). Os CRC's são formados pela RTP Coimbra e Faro. Em Bragança, Castelo Branco e Évora estão localizados os CIR's. Já as UPI's são em Viana do Castelo, Vila Real, Viseu e Guarda. A grande diferença entre os CRCs e os CIRs é que as primeiras são chefiadas por um diretor, enquanto as CIRs são dirigidas por um jornalista coordenador.

A informação televisiva é produzida por uma equipa de profissionais. A equipa é grande para que seja capaz de chegar a todos os portugueses. Precisa de jornalistas, repórteres de imagem, editores de imagem, produtores, coordenadores e de realizadores. O que lhe iremos mostrar de seguida são duas plantas de como estão organizados os profissionais de imagem que asseguram que a informação é transmitida às pessoas diariamente. A RTP tem duas redações de produção de conteúdos informativos para televisão. O piso -1 é local onde está situada a redação mais importante e aquela que serve de cenário aos serviços de informação como o “Bom dia Portugal”, “Jornal da Tarde” e “Telejornal”.



- 1-** Mesa de Pivot que se adapta aos vários programas de informação da RTP
- 2-** Redação RTP onde estão habitualmente sentados os pivots de informação dos canais RTP1 e RTP3
- 3-** Produtores e coordenadores de informação
- 4 e 5 –** Produtores e Realizadores de informação
- 6,7 e 9 –** Ilha responsável pela secção de Sociedade
- 8 –** Ilha responsável pela secção de Política
- 10 –** Ilha responsável pelo programa “Sexta às 9”
- 11 –** Ilha responsável pela secção de Internacional
- 12 –** Ilha responsável pela secção de Economia

Esta é a planta da redação de informação que serve de cenário aos programas da RTP. Neste momento o “Bom dia Portugal” e o “Telejornal” são os programas que têm permanência efetiva. A redação/estúdio serve também de cenário ocasionalmente para programas da RTP3 e RTPÁfrica. O piso 0 encontra-se nos anexos.

Capítulo II – Jornalismo Televisivo

“O princípio da televisão é a procura do sensacional do espetacular. A televisão apela à dramatização, no duplo sentido da palavra: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera a sua importância, a sua gravidade e o seu carácter dramático, trágico” (Bourdieu, 2001:12)

2.1. A imagem na construção social da realidade

Os meios de comunicação têm como objetivo primordial informar e entreter a sociedade com rigor, independência e credibilidade. São considerados como um quarto poder instaurado e que por isso têm uma importância/responsabilidade na vida das pessoas.

O mundo é feito de acontecimentos. Acontecimentos que envolvem pessoas que acabam por se tornar protagonistas no enredo. Nem sempre é fácil fazer um resumo de um livro com 300 ou 400 páginas o mesmo acontece com um acontecimento. Cabe, por isso, ao jornalista que tem as ferramentas para tal analisar, filtrar, canalizar e sintetizar o que acabou de observar.

Os jornalistas são como os realizadores. Criam o próprio enredo através de um esqueleto a ser transmitido. São por isso construtores. Construtores da realidade social de um acontecimento particular que interessa ao país.

O jornalista tem a autonomia para selecionar as fontes, as palavras e, no caso da televisão, as imagens. Pode então dizer-se que o jornalista exerce uma determinada influência sobre a opinião pública, pois é ele que escolhe o ângulo de abordagem da notícia.

Na obstante, Nelson Traquina considera que o trabalho jornalístico é “altamente condicionado” no entanto reconhece que “o jornalismo tem uma autonomia relativa e que os jornalistas têm poder; os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade. Por momentos, a nível individual, durante a realização de uma reportagem ou na redação da notícia, quando é decidido quem entrevistar ou quais as palavras a usar na peça, usufruindo maior autonomia consoante a sua posição na hierarquia da empresa, e, coletivamente, como os profissionais de um campo de mediação que adquiriu cada vez mais influência graças à explosão mediática, os jornalistas exercem poder”. Os consumidores, ou neste caso a população, são testemunhas dos acontecimentos e que com eles começam a criar o seu próprio juízo e fundamentar as suas opiniões.

Kovach & Rosenstiel (2007:52-53) citados por Adelino Gomes (2012:47) são da opinião que a primeira lealdade do jornalismo é para com os cidadãos que podem ser leitores, ouvintes, telespetadores. Afirma que “aqueles que selecionam as notícias não são empregados como os outros. Têm uma obrigação social que pode ultrapassar, por vezes, os seus interesses imediatos enquanto empregados, ainda que essa obrigação seja a fonte do êxito financeiro dos seus empregados. Esta lealdade para com os cidadãos é o significado daquilo a que costumamos chamar independência jornalística”. Em relação à televisão, pode dizer-se que a maioria das pessoas lhe atribui muita atenção. Ao darem-lhe muita atenção conferem-lhe alguma credibilidade para aceitação dos temas que são transmitidos. Uma simples imagem,

uma simples palavra, um simples som, uma simples hesitação pode querer dizer uma coisa ao telespetador. Essa opinião pode ser ou não a mais correta, pois a televisão “preenche espaços de lazer, configura representações que emergem no espaço público, condiciona a tomada de decisões no campo político, provoca solidariedades e adesões. Mas também conflitos e ruturas” (Fernandes, 2001:11). Ou seja, independente do formato a visionar pelo telespetador a televisão terá sempre um papel importante no fomento da opinião, dos pensamentos e das atitudes.

A televisão tenta reunir um conjunto de conteúdos capazes de transmitir à sociedade aquilo que se passa no mundo através das imagens. São por isso casos do quotidiano que são transmitidos à audiência. Casos que podem ser inesperados ou agendados mediante a agenda de cada estação televisiva. Os telespetadores “encontram na televisão um elo social (...) através de três pontos: um meio que instala pontos de referência, um meio que celebra a vida de todos os dias e um meio de coesão social” (Ghuede *apud* Lopes, 2008:62).

Para que o jornalismo seja um meio de segurança, de confiança para a sociedade, os jornalistas têm que ter um conjunto de normas e atitudes para que a informação produzida tenha o máximo rigor possível. Isto porque as pessoas vão adquirir o produto “quase” como uma verdade adquirida. Aliás até existem alguns teóricos que consideram os meios de comunicação como o *Quarto Poder*, pois, porque a população num ato irrefletido não pensa e assume que o que está a ver, como sendo, verdade.

Nelson Traquina vai mais longe e diz que “a existência de valores e normas profissionais bem como a pujança de toda uma cultura que atrai um número significativo de jovens crédulos na mitologia jornalística, a crescente capacidade por parte de diversos agentes sociais de participar e, às vezes, vencer no jogo noticioso”.

A televisão, que é do que estamos a falar, apresenta os temas sobre os quais permitem ao telespetador pensar, analisar e criticar. Os conteúdos têm por isso uma grande carga persuasiva que necessitam de tempo, de ponderação aquando da sua execução. Quando optamos por uma imagem, ou, por um vivo (fonte) estamos a torná-lo porta-voz (protagonista) da nossa notícia o que lhe confere um rápido mediatismo à multidão que assiste ferozmente ao nosso trabalho. Essa mesma fonte tem que conferir autenticidade e credibilidade na hora de contar a história para que as pessoas entendam a realidade, ou seja, para que seja uma boa construção. A televisão tem uma forte presença no dia-a-dia dos cidadãos o que nos permite concluir que tem uma função socializadora, conseguindo orientar o público para um lado através da imagem, do diálogo e de toda a construção envolvente. Pode assim dizer-se que a televisão quando informa mostra.

Mcluhan diz que “a televisão é o único meio de comunicação capaz de mobilizar multidões durante cerimoniais ritualistas, como o funeral de uma personagem do mundo político ou do entretenimento, ou de transformar a criatura mais desinteressante num ser mítico ou carismático”.

Há quem diga que há imagens que valem mais do que mil palavras e é verdade, pois uma imagem pode explicar um acontecimento. A simples escolha de imagens numa peça jornalística permite ajudar o jornalista a enquadrar, explicar e fazer “respirar” a peça num assunto complexo. A imagem sustenta uma história dando-lhe credibilidade e autenticidade. Sabendo o papel que a televisão tem na vida das pessoas, as imagens são uma, senão a mais, importante peça para este puzzle de construção da realidade, pois “quanto mais as imagens da

televisão pretendem convencer o telespetador da referência à realidade, mais a imagem se transforma na realidade” (Poster, 1999: 180-181).

Em suma, as narrativas televisivas apresentam personagens que fazem parte do enredo e são elas que vão provar se os argumentos estão certos ou errados no relato pormenorizado do jornalista. Tendo a televisão o papel que tem é ela que decide aquilo que é notícia e aquilo que tem força para fazer parte da sua agenda mediática. Ou seja, decide aquilo que merece ou não ser do conhecimento do público e é ela que decide aquilo que deve ser a verdade dos factos, pois mostra (através das imagens) o acontecimento, o público acredita que aconteceu.

Sendo que a imagem em televisão tem uma grande importância na vida da sociedade é importante ter em consideração aquilo que é difundido, não correndo o risco de quem está a ver televisão ficar desfraldado. Ainda assim, é a televisão que marca o dia-a-dia dos acontecimentos, é a televisão que decide aquilo que é notícia e aquilo que deve ter importância na vida de cada cidadão.

Será que esta é uma boa forma de conhecer o mundo? É uma pergunta que cada telespectador terá de responder a ela no seu íntimo e perceber se aquilo que está a ser transmitido é suficiente e, claramente, perceptível do mundo que o rodeia. Grande parte da população recorre à televisão porque, digamos, têm a “papinha” toda feita. É uma reunião de todos os elementos e sabendo que os portugueses dão privilégio à imagem permite com isso aumentar a sua credibilidade. Normalmente, no dia-a-dia, costuma-se dizer “só acredito quando conseguir ver com os próprios olhos” ou seja é uma expressão que se aplica à televisão. As pessoas só acreditam ou dão mais credibilidade à notícia com o recurso à imagem porque podem ver.

Hoje em dia, com a evolução da televisão e com a percepção que as pessoas e as empresas têm deste meio de comunicação começaram a jogar com esse pormenor a seu favor.

No entanto, nos últimos tempos, a televisão e restantes meios de comunicação têm vivido com um novo paradigma. A internet e a explosão de novas formas de comunicar têm trazido à televisão e aos restantes meios, ditos tradicionais, dificuldades em cativar as suas massas. É cada vez mais importante motivar o público com vista à obtenção de receita. Receita, essa, que muitas vezes é obtida graças à forma como o telespectador é encarado. Encarado como um consumidor que quer comprar um produto que mais lhe agrada. Ou seja, as televisões e os outros órgãos, sabendo da proliferação de novas formas de comunicar, têm sempre em mente aquilo que as pessoas querem saber e ver. Será que esse jornalismo de mostrar aquilo que a comunidade quer ver é o mais correto e aquele que reflete a realidade? Jacinto Godinho (2005: 928) citado por Adelino Gomes diz que “os telejornais, hoje, competem pela realidade que melhor agrada ao seu patrocinador, que é o espectador. E a melhor forma de lhe responder é devolvendo-lhe a realidade tal como ele a deseja ver”. Sobre esta pergunta existem vários investigadores que tentam resolver tal como Brandão (2006) é da opinião que “ao sobrepor os critérios de mercado aos interesses do público, negligencia-se o papel informativo, educativo, formativo e construtor da realidade social que cabe à televisão”.

2.2. Rapidez informativa em televisão

O jornalismo produz narrativas jornalísticas que pretendem chegar ao maior número de pessoas transmitindo uma informação rigorosa, independente e credível. Pode ser imprensa, radio, televisão e agora os meios *on-line*. O objetivo é o mesmo seja em rádio ou televisão. Pretende-se num acontecimento noticioso responder a várias perguntas (o quê?; onde?; porquê?; quem? e outras) e, assim, se consegue estabelecer o processo comunicativo. Em suma, o jornalismo procura criar narrativas com o objetivo de mostrar às pessoas o mundo que o rodeia.

Os jornalistas devem assim saber aquilo que é notícia, selecionar os factos relevantes e criar um trabalho de fácil perceção, rigoroso e que reflita a realidade social, pois “quem trabalha em informação não é um mero observador passivo daquilo que se passa, mas um participante ativo na construção da realidade” (Lopes, 2008: 108). Embora Adelino Gomes (2012:52) seja da opinião que “o jornalismo televisivo vive, antes de mais, segundo as regras da televisão e só depois segundo as regras do jornalismo. Tem o ritmo frenético da televisão e aproxima-se o mais que pode da ficção das telenovelas. Precisa-se criar narrativas próprias, e, quando submerge o país na sua própria narrativa, dá às pessoas mais do mesmo até esgotar o filão. Depois, o consumo será, como é quase sempre, compulsivo”.

Para discutir a efemeridade da informação televisiva ter-se-á que analisar um conjunto de outros mecanismos de comunicação que surgiram nos últimos tempos e até alguns constrangimentos. Na prática um jornalista, continua a ser um jornalista que, executa a sua tarefa de informar com rigor, isenção, pluralidade e entreter a sociedade. Embora os valores notícia possam ser alterados consoante o órgão de comunicação em consonância do seu estatuto editorial. Não fazendo, ou tecendo, alguma opinião sabemos que o estilo do Correio da Manhã é completamente diferente do Diário de Notícias, logo, a forma como noticiam os acontecimentos pode ser diferente, mesmo que tenham os mesmos princípios deontológicos inerentes à profissão.

Peter Cole, professor de jornalismo na Universidade de Sheffield passou ainda pelos jornais Sunday, Sunday Times e The Guardian, considera que existe uma diferença na escrita entre o jornal The Sun e o The Guardian. No entanto é da opinião que os jornalistas não devem utilizar vocabulários tão específicos ou complexos para os leitores. Diz, ainda, que “the market sector in which the newspaper is located is also relevant to how you write. You will find longer sentences and paragraphs and sometimes longer words in the more serious newspapers selling relatively small numbers of copies than in mass-selling newspapers with circulations 10 times as big. The reader of the Guardian will tend to be better educated and to have a larger vocabulary than the reader of the Sun. But do not, as a writer, show off your extensive vocabulary. It is never better, wherever you are writing, to prefer the less familiar word - “wordy” is always better than “prolix”. Nobody is impressed by the use of a word they do not understand or would not use in everyday speech. The danger of talking down to the audience -

assuming vocabulary as well as knowledge - is that it insults readers, makes them feel inadequate”⁹.

Ou seja uma das frases mais corriqueiras que se deve utilizar neste contexto relacionado com a escrita jornalística é – Keep it Simple – escrever simples, conciso, curto e perceptível a todo o público independente do conteúdo da mensagem que se quer difundir. Este é um dos problemas que se coloca muitas vezes ao jornalismo especializado, no entanto, esta especialização nasce sobretudo com a criação de novas formas de comunicar. Mesmo nos meios convencionais a forma de escrita é diferente. Se elevarmos a análise aos novos *media* podemos constatar que as diferenças ainda são maiores. Um pouco por isso é que jornalismo convive com um dos piores problemas existentes, a falta de tempo. Como tudo é difundido, por todos, em geral, torna-se complicado a um jornalista ter tempo para ir ao acontecimento, seleccionar o mais importante, editar, e, ainda, ter tempo para refletir naquilo que acabou de produzir. Um verdadeiro dilema do século XXI.

Dominique sublinha que existem algumas diferenças entre os conceitos Comunicação e Informação pois, segundo, o autor “durante muito tempo, estas palavras foram sinónimos. Já não o são. Qualquer que seja o suporte, a informação permanece ligada à *mensagem*. Informar é produzir e distribuir mensagens o mais livremente possível. A comunicação, pelo contrário, supõe um processo de apropriação. (...) Assim, comunicar não é apenas produzir informação e distribuí-la, é também estar atento às condições nas quais o recetor a recebe, aceita, recusa, remodela em função do seu horizonte cultural, político, filosófico e, por sua vez, lhe responde”.

O leitor tem vivido, nos últimos tempos, sufocado com a enormidade de informações que dispõe ou que tem acesso a ela. Não é de estranhar que muitas vezes se sinta perdido e sem saber o que ver, ler, ouvir ou até uma reunião dos três elementos. Muitas, e não raras, vezes até se pode sentir frustrado com a informação, pois, para apelar à audiência muitas vezes os jornalistas se esquecem de cumprir com o seu dever. Podendo, em alguns casos, devido à falta de tempo deturpar a informação, torná-la incompleta e com juízos de valor implícitos.

José Carlos Vasconcelos considera que “o jornalismo é, sobretudo, antes de tudo, responsabilidade. (...) Responsabilidade cívica, social, cultural, etc., dever de informar com rigor e qualidade, atentas designadamente as possíveis graves consequências de uma informação deturpada (já nem falo da manipulada), incompleta, parcelar, que induza o leitor em erro, leve a visões distorcidas dos factos ou a juízos sobre pessoas”. Isto tudo porque a profissão está descaracterizada, negligenciada, pois a informação tem sido criada para o minuto esquecendo-se muitas vezes do tempo de reflexão que por uma vírgula mal colocada, por um verbo mal utilizado, uma imagem ou som mal enquadrado podem deturpar, manipular a informação. Ao ser deturpada a construção da realidade é influenciada. Van Dijk fala mesmo em controlo da mente. Tudo aquilo que é transmitido o espetador tende a assimilar e a aceitar. O autor diz que “existem alguns modos como o poder e a dominância estão envolvidos no controlo da mente. Primeiro, os recetores tendem a aceitar as crenças, o conhecimento e

⁹ Artigo disponível na internet através do endereço <http://www.theguardian.com/books/2008/sep/25/writing.journalism.news> com o nome *News writing*

as opiniões divulgadas através do discurso produzido por quem veem como sendo uma fonte de confiança ou credível, como são os académicos, peritos, profissionais ou os *media* de referência”.

A questão do tempo coloca-se devido ao aparecimento, nas últimas décadas, de novas formas de comunicar. Convém lembrar que jornalismo tem passado por diversas transformações ao longo dos últimos tempos.

A imprensa está completamente alterada e desperta às novas alterações, onde para além do papel tem habituado os seus leitores às plataformas digitais - ao som e ao vídeo. O mesmo acontece com a rádio e com a televisão. Tudo “graças” à internet que abriu portas a um mundo globalizado permitindo alargar o leque de alternativas e ainda colocar a informação ao segundo no mundo. Em bom rigor, será que estamos no bom ou mau caminho? Uma pergunta que terá que ser avaliada à luz de diversos fatores. Primeiro percebendo as evoluções que ocorreram. Segundo perceber as plataformas existentes. Terceiro perceber as transformações sociais. Quarto as consequências dessa transformação em consonância com os interesses do público. Quinto as alternativas existentes. Sexto, as contrapartidas editoriais, económicas, políticas e sociais que essas mudanças implicam na vida da comunidade. Entre outras razões que são elencadas por diversos investigadores na área da comunicação. Onde, de todos os fatores, o tempo está na base do aparelho disruptivo.

A informação está por isso cada vez mais globalizada e democratizada. Antigamente, a informação era transmitida de boca em boca, mais tarde foram criadas as folhas voláteis, panfletos e jornais que eram distribuídos em espaços públicos. Pedro Coelho, jornalista da SIC e investigador, cita, no artigo Estudos em Comunicação, Jurgen Habermas que diz que “o determinismo social a que o espaço público parece condenado reside na ação comunicativa, na capacidade de comunicar, transformando-se, a comunicação numa força produtiva e geradora de integração social e, simultaneamente, guardiã da própria democracia”. Num mundo altamente globalizado e desperto para as novas tecnologias fez com que a informação ou a forma como é transmitida, mais uma vez, se modificasse. A internet criou espaço para novos projetos jornalísticos que através dos meios tradicionais se tornavam impossíveis de concretizar quer por questões legais, financeiras ou por falta de recursos humanos.

A internet trouxe coisas boas, mas também coisas más. Devido à proliferação de novos meios de comunicação na esfera pública têm provocado por parte dos grandes *media* uma enorme competição para serem os melhores e os primeiros a transmitir a informação. Aos novos *media* juntam-se também as comunicações móveis, as redes sociais, os blogs e os microblogs, ou seja, um conjunto de ferramentas que caracterizam a Web 2.0. Esta nova cultura existente na Web contribui para um outro problema, a proclamada participação dos cidadãos no processo informativo. É preciso ter em conta e saber diferenciar que o que é jornalismo é para os jornalistas, embora os cidadãos possam através destas novas plataformas ter uma voz mais ativa e participativa, mas, segundo alguns autores, não devem ser os jornalistas que reportam o acontecimento. Isto pode criar dissonâncias na construção da realidade.

João Adelino Faria, atual *pivot* de informação da RTP, considera que “as pessoas querem ver a informação toda arrumada. A internet não veio prejudicar, mas veio dispersar as pessoas. Até nós. Nós quando fazemos uma pesquisa temos tanta informação que por vezes é

difícil selecionar a mais importante. Isso acaba por ser muitas vezes confuso. O jornalista perdeu muito a sua função de investigar, passando a dar importância ao selecionar e ao explicar. Isto porque na internet todos nós somos jornalistas. As pessoas pensam que ao criar um blogue são jornalistas e não são porque há princípios de ética (ninguém ouve as duas partes). É fácil colocar na net um texto sem ouvir, sem verificar e tudo mais. Nós até podemos não abrir o jornal com uma novidade, mas abrimos com certeza daquilo que damos. No momento em que há tanta informação, tanta contaminação nós devemos ser um pilar de confiança. No momento em que perdermos o rigor e a credibilidade passas a ser um *blogger*".

Catarina Rodrigues têm-se debatido na sua investigação sobre os novos modelos de comunicação que permitem aos cidadãos publicar e difundir informações em redes sociais, *blogs* e outros sítios afirmando, uma vez mais, que "face à instantaneidade da informação, a mediação, fundamental ao exercício do jornalismo, é colocada em causa, e os jornalistas, tradicionais mediadores na produção de conteúdos, têm visto o seu papel delido pela facilidade de qualquer pessoa publicar e difundir informações".

Downie e Schudson são da opinião que os meios tradicionais não vão terminar tão cedo e que continuarão a ter um papel determinante na divulgação dos acontecimentos, apesar do aparecimento de novos formatos digitais. Permitem que a informação esteja ao segundo disponível num *smartphone*, *tablet* ou computador. Os autores em relação ao fecho dos jornais e dos noticiários radiofónicos e televisivos consideram que o fim não está para breve, mas terão "um papel menor no mundo emergente e em rápida mutação do jornalismo digital, em que os meios de comunicação estão a ser re-inventados, o carácter da notícia está a ser reconstruído, e as notícias estão a ser distribuídas através de um maior número e variedade de organizações noticiosas, novas e antigas" (Downie & Schudson, 2009:1).

"O ecossistema mediático está em plena mutação. (...) Hoje todos podem comunicar com todos de forma transversal, sem que exista necessariamente uma disposição hierárquica dos vários agentes comunicativos. Contudo, é necessário cautela com alguma terminologia utilizada, nomeadamente nas designações de jornalismo cidadão ou de jornalismo participativo". (CORREIA)¹⁰

Se a internet criou algumas possibilidades, abrindo a porta a novos meios de comunicação, a novas abordagens, a novos modelos comunicativos na difusão de informações também criou alguns problemas. A explosão de plataformas digitais, as redes sociais e a participação dos cidadãos nas notícias como ativos fazem com que o ritmo da informação seja mais veloz o que muitas vezes é prejudicial quando se trata do rigor jornalístico. Os editores querem as notícias para o agora e muitas vezes se esquecem que não basta estalar os dedos para que as coisas se resolvam. Para encerrar a temática, Fernando Zamith, no Primeiro Encontro de *Weblogs* que decorreu em Braga em setembro de 2003, disse que "estamos conscientes da fragilização da fronteira entre jornalismo e não-jornalismo que a internet potencia, mas também sabemos que a seu tempo o trigo se separará do joio. A *blogoesfera* é livre, é para todos, e cada um acabará por assumir o seu lugar. Não tememos a alegada perda de influência dos jornalistas nem as profecias de desnecessidade desta profissão. A sociedade

¹⁰ CORREIA, João Carlos. *Comunicação e Cidadania: os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas*. Disponível na internet.

vai continuar a precisar de técnicos qualificados para a pesquisa, seleção, confirmação, redação e difusão de notícias”.

2.3. O Agenda-Setting em televisão

Para Pierre Bourdieu “os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado”.

É desta forma que agenda mediática é criada. As televisões têm uma importante tarefa na vida da sociedade. Mesmo com os novos modelos de comunicação já a operar, como as redes sociais, os blogues, os *sites* informativos, ainda é a televisão que as pessoas escolhem para ver o mundo.

A seleção dos acontecimentos para um jornal televisivo de referência é feita mediante vários princípios. Os valores-notícia têm o seu destaque na altura de selecionar os acontecimentos ou as histórias que os jornalistas devem aprofundar. Fernando Correia sobre este assunto considera que “a invocação e aplicação dos valores-notícia surgem quando se avalia a noticiabilidade do acontecimento, ao apreciar se as suas características o tornam ou não merecedor de ser notícia”.

Nesse sentido o papel da Agenda é criterioso. Pois são eles que recebem a correspondência, abrem e respondem aos *emails*, são contactados por fontes, recebem denúncias e agilizam contactos. Todo este processo é depois enviado para as devidas seções editoriais que decidem dentro da própria editoria aquilo que é relevante ou não apresentar na reunião de editores. É nessa reunião que se decide aquilo que tem prevalência/relevância entrar no telejornal, por exemplo. Os processos continuam e os assuntos não ficam restringidos às agendas. Os editores passam o dedo pelos jornais diários, pelos sites informativos de referência e ainda fazem um *search* no *email* pessoal para perceber se têm algum *email* com uma estória engraçada.

“Avaliar a importância pode não ser fácil, nomeadamente quando ela, por qualquer razão, não salta imediatamente à vista. E é ainda mais difícil quando a importância de um acontecimento só é verificável em função dos seus desenvolvimentos futuros” (Correia: 1998,140). Para o autor existem alguns conceitos que, à luz do dia-a-dia, passam despercebidos mas que têm toda a relevância na altura de selecionar os acontecimentos. Entre eles são “a posição hierárquica dos indivíduos em causa. Um acontecimento relativo a uma personalidade (do mundo da política, do desporto, etc.) (...) além das instituições e países.”; O autor diz ainda que para um acontecimento ter importância é crucial que tenha “influência sobre o interesse nacional que esse acontecimento possa ter. (...) A aplicação deste valor-notícia depende daquilo que se entende por interesse nacional”; Fernando Correia diz que um acontecimento pode tornar-se noticiável em relação ao “número de indivíduos envolvidos no acontecimento” afirmando mesmo que “quanto mais elevado for o número dos indivíduos envolvidos num desastre ou quanto mais elevada for a presença de grandes nomes maior é a visibilidade” entre outros critérios que passam pela relevância, pelo tempo e interesse do público.

Sobre esta questão do interesse, Fernando Correia, opta por fazer uma diferença entre interesse público e interesse Do público. Invoca algumas questões pertinentes quando, no momento atual, os meios de comunicação convivem muito com a concorrência. Cada vez mais existe um mercado altamente diferenciado e a combater com os ditos Grandes media. Isso provoca uma grande preocupação, principalmente, às administrações que veem as suas

audiências decrescer. Nesse, se é que se pode chamar, combate pelas audiências pretende-se analisar sobretudo o interesse do público e, não, o interesse público. Analisa-se aquilo que as pessoas preferencialmente querem saber, querem ver e depois faz-se uma seleção na agenda mediática para produzir narrativas com esse intuito.

“Os jornalistas sentem-se, com demasiada frequência, na obrigação de, a qualquer preço, encontrar temas e abordagens capazes de atrair e prender o interesse do público, ou o que eles julgam ser esse interesse. (...) A concepção mercantilista da informação abre as portas a perigosas distorções, ao transformar num fim em si mesmo aquilo que deveria ser um meio para cativar o público, confundindo a informação com uma mera forma de entretenimento, ou mesmo sacrificando a ética no altar das audiências”. (CORREIA: 1998, 146-147)

Para que uma peça jornalística tenha entrada no alinhamento do telejornal é preciso ter um conjunto de fatores, aqueles que já mencionámos acima. No entanto o telejornal funciona, quase, como uma entrega de notícias que pretendem oferecer um retrato do país e do mundo num determinado período. Adelino Gomes cita, Matt Carlson, que considera que é importante ter a capacidade de gerir, intencionalmente, através de uma ordenação das notícias/peças o que deve entrar no alinhamento do jornal.

“Espera-se que os jornalistas não criem apenas estórias, mas que as ordenem de um modo que dê sentido à sua relação umas com as outras, no produto noticioso. No seu conjunto, este amplia cada estória, colocando-a em contexto quer na sua relação com outros itens quer na sua incompatibilidade com todos os outros itens que se considera não deverem integrar o noticiário. Por causa deste sentido que lhe é acrescentado, o produto jornalístico não é, em rigor, a estória, mas um complexo de estórias que funcionam juntas para formar uma coisa a que chamamos de noticiário”. (CARLSON, 2007:1016 apud GOMES, 2012: 205).

Capítulo III – Jornalismo Especializado

“Os jornalistas têm obrigação de escrever de uma forma fácil de compreender; por simplificação, portanto, entendemos tornar a notícia menos ambígua, reduzir a natureza polissémica do acontecimento” Nelson Traquina

3.1. Vantagens e constrangimentos Jornalismo Especializado: Vantagens e constrangimentos

Falar de jornalismo especializado acarreta graves problemas. Problemas porque é um tema ainda muito pouco debatido. Não tanto pelo conceito em si que em termos práticos já existe há várias décadas mas por não existirem muitos investigadores teóricos a abordar o tema. No entanto, parece-nos pertinente perceber ou ter uma noção da necessidade de aplicar ao jornalismo um conjunto de ramificações.

Historicamente a especialização está muito associada ou ligada com a evolução dos meios de comunicação ou com o desenvolvimento cultural da sociedade (grupos sociais). Sobre este questão Berganza Conde considera que “la especialización periodista es fruto, en gran medida, de las exigencias de la audiencia, cada vez más diversa, que demanda contenidos específicos – como lo son sus intereses – y que éstos se aborden en profundidad y rigor. En definitiva, con calidad informativa”.

Frederico de Mello Brandão Tavares no seu artigo – *O Jornalismo especializado e a especialização periodística* – considera que “com a introdução de outros meios e, consequentemente de outros regimes de produção (de noticiabilidade, visibilidade e periodicidade), tal especialidade passou a bater de frente com a lógica da especialização, ou seja, de uma outra especialização jornalística”.

Precisamente sobre este assunto Montserrat diz que “puesto que los periódicos ya no podrían ser los primeros en ofrecer la exclusiva informativa a sus lectores, era preciso ahora buscar otras soluciones atrayentes para mantener el interés de los lectores y asegurar la continuidad de los rotativos” (QUESADA PÉREZ, 1998, p. 29 – 30).

Convém não esquecer que o jornalismo é muitas vezes definido como especialista em diversas áreas do conhecimento, aliás, até dentro das redações e empresa. À medida que as especializações se tornaram crescentes noutras áreas como na educação, medicina ou direito, o jornalismo começou também a evocar algumas especializações.

O trabalho em redações jornalísticas é, geralmente, dividido por editoriais temáticas que vão desenvolver os temas que se propõem desenvolver nos noticiários. Dentro do jornalismo especializado podemos encontrar vários tipos que vão desde o político, económico, desportivo, local até ao cultural. Contudo, mesmo que o jornalista cubra durante a sua vida profissional uma área de especialização pode ter dificuldades perante algumas realidades. Este tipo de jornalismo acarreta alguns constrangimentos à profissão. Primeiro que tudo, quanto mais tempo, um jornalista, no seu dia-a-dia, se debater com temas específicos vai tornar-se,

por isso, mais específico e dotado de conhecimentos sobre aquela área, ou seja, pode levar a que a narrativa produzida seja escrita com uma linguagem mais fechada (hermética). Dado este dilema os jornalistas dentro destas áreas específicas devem primar pela criatividade para conseguirem mostrar à população um assunto difícil. Recorrem muitas vezes a infografias, grafismos, imagens mais explícitas entre outros. Para áreas mais específicas “a formação profissional dos jornalistas valoriza a aquisição de básicos conhecimentos gerais, postura, esta, que não entra em consonância com a tendência atual. Afinal, para elaborar matérias jornalísticas especializadas, para as editoriais de política e economia, por exemplo, exige-se proximidade com a temática trabalhada” (ABIAHY: 2).

Mesmo com esta experiência adquirida um jornalista continuará a ser um jornalista com as suas funções bem presentes. É bem possível que há medida que o tempo vai passando o jornalista comece a adquirir um vocabulário mais específico. Nelson Traquina apelida-o de jornalês. Afirmando que “os jornalistas precisam de comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade. Para atingir este público heterogéneo, a linguagem jornalística deve possuir certos traços que vão no sentido de ser compreensível: a) frases curtas; b) parágrafos curtos; c) palavras simples (evitar polissílabos); d) sintaxe direta e económica; e) concisão; f) utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto. Para além de ser compreensível, o discurso jornalístico deve provocar o desejo, o desejo de ser lido/ouvido/visto. (...) Em certos géneros jornalísticos o jornalês revela as seguintes características: a) o realismo gráfico; b) criação de ambientes, com a utilização de palavras concretas e a descrição detalhada para transmitir a sensação de que se está ali; (...)”.

(TRAQUINA, 2002:156)

Um outro constrangimento envolvido neste tipo de jornalismo é o contato permanente com as mesmas fontes de informação. Estas tornam-se objeto de análise, de discussão e centro das nossas notícias. Isso pode ser uma vantagem quando há falta de tempo na conceção das notícias, mas causa um problema grave que é a fidelização à mesma personalidade. Uma constante replicação dos mesmos argumentos, dos mesmos pontos de vista. O que também pode acontecer é que essas fontes têm um grande poder pelo cargo que ocupam ou por influências económicas sobre o meio de comunicação, logo, o jornalista pode ser alvo de pressões. Esta é outra das desvantagens deste tipo de jornalismo que para a atual diretora do Jornal de Negócios (jornal especializado em economia), Helena Garrido “o jornalismo económico as fontes e as notícias coincidem frequentemente com as empresas que garantem as receitas de publicidade do jornal. Nos jornais especializados, à coincidência das fontes, notícias e anunciantes juntam-se os leitores. Uma realidade que, não sendo original, pode assumir contornos mais problemáticos num mercado de pequena dimensão, onde um pequeno número de empresas de comunicação social tem os seus proveitos dependentes de um igualmente reduzido número de empresas que, por sua vez, são a principal origem das notícias dos jornalistas”¹¹.

Nelson Traquina explica que o “desenvolvimento da relação com a fonte é um processo habitualmente orientado, com paciência, compreensão e capacidade de conversação sobre interesses comuns, até formar um clima de confiança”. O sociólogo Phillip Elliot

¹¹<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/2637/Jornalismo%20Econ%C3%B3mico%20em%20Tempos%20de%20Concentra%C3%A7%C3%A3o%20-%20Faces%20Vis%C3%ADveis%20das%20Press%C3%B5es%20Sobre%20a%20Informa%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1>

(1978:187) diz que o “jornalismo é, de muitas maneiras, mais parecido com a agricultura sedentária do que com a caça e a busca. As notícias são produzidas por jornalistas que usam rondas regulares, fontes de informação reconhecidas que têm o seu próprio interesse em tornar a informação disponível ... tal como na agricultura, nada é inteiramente previsível”.

Na obstante disso, os jornalistas do século XXI são confrontados com novos problemas e desafios que os obrigam a ponderar bem as suas ações, embora, o tempo que têm para pensar seja muito pouco. As redações e, em particular, os meios de comunicação querem ser os primeiros a dar a notícia e muitas, e não raras, vezes se esquecem dos limites éticos e deontológicos.

Pode subentender-se que a ideia de guardar um exclusivo para o dia seguinte é uma perfeita idiotice uma vez que a notícia, seja ela qual for, é ao minuto. A internet permitiu globalizar e abrir fronteiras o que em certa parte é bom, mas trouxe um grande problema aos meios de comunicação que é: a velocidade e a gratuidade. Gabriel Leite Mota¹² num artigo escrito no P3 diz que “vivemos na era da informação. Talvez o mais correto fosse dizer que vivemos na era da velocidade alucinante da informação. Para além da quantidade, o que mais caracteriza o tempo corrente é a velocidade da informação. O problema é que, a esta velocidade, a informação corre o risco de se aniquilar, rasgar, chegando ao destino apenas como trapos inorgânicos de notícias”.

O jornalismo vive momentos de profunda melancolia. Todos se questionam: e agora o que fazemos? Há cada vez mais órgãos de comunicação social a surgir do zero e a ganhar relevo graças à famosa banda-larga. Projetos como o Observador e outros que estão implementados só no *online* estão a revelar-se uma alternativa aos meios ditos tradicionais. Todos querem tornar público o trabalho que desenvolvem. Esta abundância de conteúdos disponíveis na internet torna para quem lê, ouve e vê um grave problema – o que devo ver em primeiro lugar? O público tende à semelhança do jornalista fazer uma hierarquia das suas prioridades, daquilo que realmente lhe interessa ler, ouvir ou ver.

Esta seleção de acontecimentos coloca ao jornalista, ao órgão de comunicação e ao jornalismo uma dupla tarefa. Agora o jornalista para além de criar uma narrativa baseada na estória deve ter em atenção as preferências do seu público-alvo. A internet veio com isto descentralizar a informação passando a existir espaço para novos conteúdos, novas abordagens. Por exemplo, dentro do desporto há muito mais do que o futebol e com a internet pudemos ter acesso a *sites/weblogs/fóruns* capazes de informarem o seu público especializado sobre snooker, natação, provas de todo-o-terreno e outras modalidades. Dênis de Moraes considera que:

“Cada vez mais, a informação viaja à velocidade da luz, como dígitos binários digitalizados, que são simbólicos 1s e 0s representativos de qualquer combinação de informação em voz, vídeo ou imprensa. Um cabo de fibra óptica pode transmitir um sinal através dos Estados Unidos em 30 milissegundos”. (1998:84).

Ser jornalista político é igual a ser jornalista económico, local (sociedade), cultural ou desportivo. Convive na mesma tribo profissional, detêm os mesmos direitos e deveres, têm a

¹² Texto de Gabriel Leite Mota publicado a:16/08/2013 - 12:36

<http://p3.publico.pt/actualidade/media/8956/velocidade-furiosa-da-informacao>

sua cédula que os salvaguarda deontologicamente perante situações mais constrangedoras. No entanto, um jornalista para além de ser funcionário de um órgão de comunicação é cidadão e enquanto cidadão merece ser informado com rigor sobre aquilo que se passa. Para a docente da Universidade Nova de Lisboa e jornalista, Christiana Martins a especialização não é sinónimo de distanciamento dos critérios jornalísticos, ou seja, não é necessário uma aprendizagem especial e complexa para se ser jornalista na área económica.

“É esta dicotomia essencial que atinge o clímax no jornalismo especializado, quando o profissional da informação parece partir do pressuposto de que o domínio do vocabulário próprio de uma determinada área lhe assegura uma espécie de conhecimento prévio que o distingue do leitor geral e abstrato” (Martins, 2007: 16).

O profissional deve ter consciência que o jornalismo não é uma ciência exata, Martins considera que “o jornalista especializado, em qualquer área, está longe de ser um conhecedor profundo”.

Temos que concordar que assuntos políticos são diferentes dos assuntos económicos, culturais e desportivos. São conteúdos que merecem o seu respeito e espaço. Quanto à forma de obtenção da notícia o processo é o mesmo para todas as áreas (investigação, seleção, confrontação, análise, produção e edição), embora a abordagem possa ser um pouco diferente.

3.2. Jornalismo Especializado: em Sociedade

O jornalista é muitas vezes definido como especialista em diferentes áreas de conhecimento. As próprias redações dos órgãos de comunicação estão divididas e repartidas por editorias referente aos vários temas que são abordados nos *media* de interesse público. À medida que as especializações se tornam crescentes em quase todas as áreas do conhecimento, o jornalismo começa também a evocar algumas especializações. Nas últimas décadas esta realidade despoletou o termo jornalismo especializado, dividindo-se por – jornalismo económico, científico, sociedade, político, desportivo, cultural e outros. É certo que à medida que o jornalista cobre uma determinada área do conhecimento tenderá a desenvolver uma maior habilidade na cobertura dessa área em específico. Contudo é necessário que o jornalista mesmo que cubra durante toda a sua atividade profissional apenas uma área específica tenha noção que pode ter algumas dificuldades. No caso desportivo a área é por si só muito vasta e complexa existindo inúmeras modalidades como o futebol, hóquei, voleibol, desportos motorizados e outros.

Uma realidade presente na área desportiva mas também em qualquer uma das especializações. Existem áreas e áreas. Aquelas que exigem um conhecimento mais geral e outras em que os conceitos têm que ser mais específicos, nomeadamente do lado económico. Existem várias editorias em cada redação, logo, os jornalistas que estão colocados em cada uma sabem, exatamente, as suas funções (as matérias a produzir). Ou seja, um jornalista de economia sabe que ao chegar à redação vai produzir narrativas sobre essa temática (aumento dos impostos, Orçamento do Estado, preços dos combustíveis, entre outros). O mesmo acontece com um jornalista de política e até cultural. A grande diferença é que um jornalista que esteja na área de sociedade nunca sabe que tipo de matéria vai encontrar. Isto porque esta editoria é uma editoria que engloba outras, como a justiça, a educação, a saúde e em alguns casos ainda consegue cobrir quando há necessidade assuntos da política, economia, cultura e internacional. É por isso uma editoria transversal a todas as outras o que torna o trabalho do jornalista bem mais complicado, pois nunca sabe o que vai produzir quando chega à redação.

Esta é uma editoria que espelha a realidade, aborda assuntos diretamente ligados com os cidadãos, como a queda de uma ponte, um acidente que envolve vários veículos, uma greve de trabalhadores, uma escola inaugurada, uma doença rara que surgiu e outros assuntos. Digamos que é uma das principais editorias de qualquer redação e, por norma, aquela onde existem mais jornalistas a laborar. Em suma, se lhe quisermos chamar, são aqueles que manuseiam com a vida das pessoas, que contam as histórias das pessoas.

“Podemos intuir que a comunicação jornalística é um elemento importante na organização da vida quotidiana. De alguma forma, as notícias, entre múltiplas outras funções, participam na definição de uma noção partilhada do que não é, proporcionam pontos de vista sobre a realidade, possibilitam gratificações pelo seu consumo, podem gerar conhecimento e também sugerir, direta ou indiretamente, resposta para os problemas que quotidianamente os cidadãos enfrentam. As notícias, ao surgirem no tecido social por ação dos meios jornalísticos, participam da realidade social existente, configuram referentes coletivos e geram determinam processos modificadores dessa mesma realidade” (SOUSA, 2002:119).

Enquanto nas outras editorias os temas vão sendo similares, em sociedade, os temas são sempre diferentes porque estamos a contar a história das pessoas. Nem todos os dias há cheias, incêndios, queda de árvores, escolas inauguradas, um fármaco revolucionário no combate ao cancro, exames de português e matemática, por isso, é que um jornalista ao chegar à redação nunca sabe o que vai acompanhar. Os conhecimentos que tem sobre o assunto, normalmente, são gerais e pouco específicos. Aquilo que queremos concluir é que nem sempre os jornalistas têm a mesma tarefa o mesmo acontecimento para narrar. Pode acontecer, em algumas circunstâncias, o jornalista que estava a acompanhar, por exemplo, as cheias de Lisboa no dia seguinte entrar de folga, logo, será outro colega a “agarrar” o acontecimento. Não há nesta editoria uma regra impiedosa de que aquilo é só para aquele jornalista. Os assuntos são muitos e têm que ser cobertos no menor espaço possível de tempo. Jorge Pedro Sousa diz que “os meios de comunicação moldam o nosso horizonte de conhecimento sobre um determinado número de realidades, especialmente de realidades atuais”.

Se nas outras editorias existe uma rotina assente em cada jornalista, na seção de sociedade não se consegue ter uma rotina. Rotinas que podem ser as mais diversas. Rotinas que podem envolver mecanismos de defesa e que sustentam a própria notícia, ou seja, um jornalista de economia tende com o tempo a fidelizar as suas fontes de informação, existe por isso, uma rotina produtiva. Em sociedade as coisas são completamente diferentes pois os acontecimentos são muito mais imprevisíveis do que qualquer outra editoria. Por norma, o jornalista deste departamento convive também com uma outra característica – o imediatismo. Porquê? Simples. Os acontecimentos como acidentes, cheias, catástrofes e outros são considerados como inesperados. Não há um agendamento prévio, logo, não pode existir uma rotina para estes jornalistas. O trabalho é sempre uma novidade quando chegam às redações e os editores lhes apresentam o tema discutido na reunião de editores ou quando surge do momento. Muitas e não raras vezes aquilo que acontece é que colocam uma pressão muito grande nos jornalistas quando lhes dizem que têm quatro horas ou menos para ter a peça pronta. Onde é que está a preparação necessária para o jornalista estar enquadrado no tema? Não há. Simplesmente não há tempo para que o jornalista se prepare quando têm tão pouco tempo para ir para o local, selecionar, ouvir as pessoas, escrever o texto, editar os sons e as imagens e meter a peça no ar.

Nelson Traquina diz que o valor do imediatismo reina “ainda mais com as novas tecnologias como o *cibermedia*. (...) os membros da comunidade jornalística querem as notícias tão quentes quanto possível, de preferência em primeira mão. Em termos lógicos o valor do imediatismo leva ao reforço da importância da capacidade performativa dos jornalistas. Com as capacidades tecnológicas atuais, o valor do imediatismo dá primazia, nesta era audiovisual, ao direto, que representa o estado puro do imediatismo”.

Há por parte das chefias um descrédito pelo profissionalismo e pela responsabilidade social que um meio de comunicação tem. Fazer as coisas para a hora sem um mínimo de preparação é crítico e, cada vez mais, um jornalista de sociedade convive com esta realidade. Esta é uma rotina que os jornalistas das outras áreas não convivem, porque por norma têm os assuntos pré – agendados e mesmo que não os tenham têm uma grande componente formativa (adquirida com a experiência rotineira) que lhes permite estar por dentro dos acontecimentos.

Jorge Pedro Sousa considera que “as rotinas, enquanto padrões comportamentos estabelecidos, são, entre os processos de fabrico de informação jornalística, os procedimentos que, sem grandes sobressaltos ou complicações, asseguram ao jornalista, sob a pressão do tempo, um fluxo constante e seguro de notícias e uma rápida transformação do acontecimento em notícia, isto é, permitem ao jornalista que controle o seu trabalho”. Diz também que “as características empresariais dos órgãos de comunicação também tiveram o seu papel no surgimento das rotinas profissionais, já que implicam uma gestão criteriosa dos recursos humanos e materiais, de forma a potenciar lucros, diminuir os custos de exploração e racionalizar os processos de trabalho. A divisão do trabalho surge, assim, como uma forma de assegurar que o fabrico do produto se realize, bastando, para tal, assegurar o fornecimento regular de matéria-prima, que, no caso do jornalismo, é, principalmente, matéria-prima informativa, isto é, o seu referente discurso, o acontecimento em bruto”.

Barbara Phillips diz que os “constrangimentos impostos externamente e as pressões da organização para rotinar o trabalho combinam com a tendência do jornalista para ver os acontecimentos do dia como factos discretos, desconexos, que produzem o mosaico noticioso da realidade à superfície”. Na obstante de todos os constrangimentos colocados a este tipo de jornalismo, Paul Weaver, considera que a “notícia televisiva enfatiza o espetáculo, o seu apoio no simples observador onisciente, e o seu empenhamento na noção de uma descrição unificada e temática dos acontecimentos, são fatores que fazem da televisão um mobilizador extraordinariamente poderoso da atenção do público e da opinião pública”.

Capítulo IV – Estudo de Caso: A editoria de sociedade da RTP

“Esta é a editoria vital para a informação RTP. Cobre mais temas e tem que estar preparada para tudo” Rita Ramos, editora de Sociedade da RTP

4.1 A Editoria

Mesmo existindo dentro da RTP várias editorias focar-nos-emos, a partir de agora, na secção de Sociedade. Uma das secções, senão a mais importante, de qualquer redacção de informação. Merece, por isso, a nossa atenção e uma pequena investigação sobre como está organizada, quantas pessoas fazem parte dela, as rotinas produtivas e se os jornalistas convivem de facto com a falta de tempo na preparação das suas narrativas.

Em qualquer editoria setorial (política, economia, cultura, internacional, sociedade) existe uma voz de comando que gere as equipas, os temas e os jornalistas que tem ao seu dispor. Na RTP quem está a coordenar a secção é a jornalista Rita Ramos. Tem 41 anos de idade em que 20 anos foram dedicados à RTP. É editora de sociedade desde dezembro de 2014, ou seja, há um ano e meio. Tem ao seu dispor 25 pessoas que trabalham todos os dias para assegurar os vários serviços de informação. É uma das editorias que mais funcionários tem, de modo, a dar resposta a todos os assuntos e a todos os piquetes. Assegura também outros programas para além do telejornal, como o Portugal em Direto, Bom dia Portugal, Jornal da Tarde, Sexta às 9, Linha da Frente e RTPÁfrica.

“Esta é a editoria vital para a informação RTP. Cobre mais temas e tem que estar preparada para tudo. É a editoria que assegura todos os piquetes desde a madrugada até às 24 horas. Cobre áreas como a saúde, educação, justiça, ambiente, ou seja todas as áreas que são respetivas de sociedade e, ainda, tem que estar preparada para acorrer a outras situações de economia, política, desporto o que seja. As outras editorias para além de serem poucos acabam por estar mais agarradas a serviços de agenda. Acaba por ser a editoria que está em todo o terreno”, refere a editora.

4.2. Desenho da Investigação e Metodologia para o Estudo de Caso

Partindo da seção de Sociedade e sabendo que esta editoria é uma das mais importantes na vida de um Telejornal começámos a investigar a vida de cada um dos jornalistas. Observámos que grande parte dos jornalistas nesta editoria não tem um horário fixo e que nem sempre faz as respetivas e obrigatórias sete horas de trabalho. Porquê? Porque na maioria das vezes os assuntos demoram demasiado tempo a serem decifrados o que vai prejudicar o tempo de escrita do texto e, consequentemente atrasar o tempo de edição do produto televisivo. Por vezes, os jornalistas acabam por ficar mais algum tempo para terminarem a tarefa que lhes foi incumbida no início desse dia. Claro que isto não é regra e, nem sempre, acontece.

Observámos também que parte da equipa é nova. Contratados através dos impulsos governativos para fortalecer a empregabilidade em Portugal, os chamados estágios profissionais. São por isso pessoas recentes e que, por isso, ficaram fora da nossa investigação. Existindo dois outros jornalistas, exclusivamente, focados aos assuntos para a RTP África também ficaram fora desta análise. Por último, também, ficou de fora um jornalista que é destacado diariamente para ser apoio ao canal de informação da RTP – a RTP 3. Restam-nos apenas alguns jornalistas, não muitos. De salientar que uns por impossibilidade laboral outros por não disporem de tempo para esta investigação ficaram de fora. Destacados pela editora de seção, Rita Ramos, ficaram três jornalistas que se mostraram disponíveis para os acompanharmos e lhe fazermos todas as perguntas necessárias.

Por questões do bom funcionamento da equipa foi pedido que a investigação não perturbasse o normal exercício da atividade jornalística de cada jornalista investigado. A análise tem por base cinco dias de observação. Podendo, em alguns, casos não serem consecutivos devido a folgas e a indisponibilidade horária. Em todos os casos nunca foi posta em causa a investigação ou o conteúdo das conclusões que iremos tirar no final.

Propusemo-nos investigar as rotinas que esses jornalistas têm durante o seu dia de trabalho. Com base nessa análise poderemos chegar a uma conclusão: haverá tempo para um jornalista se preparar quando nunca sabe qual é a tarefa do dia seguinte? Esta foi uma pergunta que nos pareceu pertinente, pois, durante o estágio curricular observámos que, na obstante, de não existir um horário fixo também não há um tema/departamento definido para cada um dos jornalistas. Um jornalista num dia pode estar a fazer justiça, como no outro pode fazer saúde, educação ou até política. De que forma é que estes jornalistas, num curto espaço de tempo, conseguem retirar tantos “chips” e envolverem-se em cada um dos temas atribuídos? Uma pergunta que pretendemos responder com base na análise feita aos três jornalistas da editoria de sociedade da RTP.

Dentro desta análise fizemos ainda uma segunda observação. Esta, última, não tão exaustiva como as principais. Apenas vai consistir em mostrar, num quadro, o percurso de duas jornalistas recém-contratadas pela RTP, a variedade de temas que de dia para dia vão tendo que trabalhar.

Será que esta velocidade de informação, esta ansia pelo imediatismo e a falta de tempo para a preparação dos temas pode influenciar no rigor do conteúdo?

Fica a pergunta que iremos descortinar mais à frente.

4.3.1. Caracterização de cada jornalista investigado

Esta investigação foi feita a três jornalistas da RTP. Começa pela Helena Sousa e Silva, passa por Luís Filipe Fonseca e termina com Lavínia Leal.

Helena Sousa e Silva tem 49 anos de idade e 26 de profissão. É licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Começou na RTP há 26 anos, mas não com as habituais tarefas. Inicialmente tinha a seu cargo informações mais especializadas, porque estava destacada para a editoria de desporto da RTP. Só mais tarde, há 11 anos, é que foi transferida para a seção de sociedade onde está atualmente.

Luís Filipe Fonseca é o seu nome profissional. Nome que utiliza para assinar os seus trabalhos atualmente na RTP. Está há 18 anos nesta casa de serviço público, embora tenha 44 anos de idade.

O terceiro, e último, jornalista a ser investigado chama-se Lavínia Leal e obedece exatamente aos mesmos requisitos dos anteriores analisados. Tem mais de dez anos de casa e pertence à editoria de sociedade. Com eles fomos percebendo as dinâmicas desta secção e, ao mesmo tempo, as suas dificuldades. No entanto, alguns jornalistas esboçam também algumas críticas positivas evocando algumas vantagens, dizendo, em alguns casos, que o jornalismo feito nesta editoria é mais “cativante, estimulante, versátil e mais criativo”. Lavínia entrou na RTP em 1996 enquanto estagiária curricular e depois acabou por ficar até aos dias de hoje. Tem, atualmente, 45 anos e está na editoria de sociedade.

4.3.2. Horários de entrada na RTP

Os horários de trabalho são inconstantes na redação de informação. Muitas vezes são adaptados em função das tarefas que lhes são entregues. A primeira jornalista investigada é a única que apresenta uma regularidade de horário e, por isso, tem sempre uma hora de entrar e outra de sair. Trabalha entre as 8h e as 15h para os diversos serviços informativos da RTP. Deste que entrou para a equipa de “sociedade” tem ficado de piquete de manhã que serve de apoio ao programa “Bom dia Portugal”, informação da RTP3 e, ainda, o “Jornal da Tarde”. No entanto, no grosso dos serviços, o “Jornal da Tarde” é para onde trabalha mais.

Luís Filipe Fonseca tem isenção de horário devido ao nascimento do seu filho. Apresenta alguma regularidade em termos de horário, ficando 80% de suporte ao “Telejornal” e, por isso, entra às 13h.

A última jornalista investigada é a que apresenta maior discrepância de horário. Lavínia Leal caminha ao sabor dos acontecimentos, logo, não tem um horário definido. Tanto pode ser piquete da manhã como pode entrar à uma da tarde.

Contexto ao primeiro dia de investigação:

O índice de transparência agora divulgado é uma avaliação dos *websites* das 308 Câmaras Municipais, de acordo com 76 indicadores, agrupados em sete dimensões (Informação sobre a organização, composição e funcionamento do município; Planos e Relatórios; Impostos, Taxas, Tarifas, Preços e Regulamentos; Relação com a sociedade; Transparência na Contratação Pública; Transparência Económica-financeira; Transparência na área do Urbanismo). O município de Alfândega da Fé, no distrito de Bragança surge pelo segundo ano consecutivo no topo da tabela do ITM, Índice de Transparência Municipal.

(HSS)

Tragédia que vitimou três jovens do sexo masculino que morreram após terem sido atingidos por um comboio em Águas Santas (concelho da Maia). Estes estariam a grafitar quando foram “atropeladas” por uma carruagem que fazia a viagem.

(LFF)

4.3.3. Primeiro dia de análise

Helena chega já com uma tarefa em mãos que pouco ou nada sabe. Foi avisada de véspera, poucos minutos faltavam para as seis da tarde, pela coordenadora de Sociedade Rita Ramos. A tarefa é entrevistar João Batalha, diretor executivo da Associação Cívica Transparência e Integridade (TIAC), que é convidado do “Bom Dia Portugal” – apresentado por Carla Trafaria – no âmbito do estudo anual de transparência dos municípios portugueses. Sem poucos detalhes do assunto a jornalista fez uma pequena pesquisa na internet quando chegou à redação de informação de televisão da RTP.

Quando a entrevista ao diretor adjunto terminou foi tempo de a colocar no A.G.S. – Aquisição e Gestão de Sistemas – servidor para que toda a redação quer em Lisboa, Porto e as várias delegações tenham acesso. Neste caso é a redação do Porto que vai “agarrar” o assunto e escrever peça para o Jornal da tarde.

Meia hora depois o coordenador do Jornal da Tarde, Pedro Figueiredo, que está no Porto, liga para a jornalista Helena Sousa e Silva a comunicar que a presidente da Câmara de Alfândega da Fé, Berta Nunes, se encontrava a dirigir para as instalações de Lisboa da RTP para dar uma entrevista sobre o assunto. Dez minutos depois a presidente da autarquia da Região Norte e sub-região do Alto Trás-os-Montes chegava à RTP. Pouco ou nenhum tempo houve para preparar esta entrevista que se baseou na opinião da autarca sobre o facto da câmara que representa ter ficado em primeiro lugar no ranking do Índice de Transparência Municipal.

Ao contrário de Helena, Luís e Lavínia, chegaram à redação da RTP sem nenhuma tarefa em mãos. O jornalista Luís Filipe Fonseca acaba por dizer que a editoria de sociedade já “já teve mais norte”. “Em tempos áureos, com mais funcionários, conseguíamos ser mais concretos nos assuntos que íamos tratar. Agora existe sempre uma incerteza quando chegamos. Nunca sabemos bem, com algum tempo, o que vamos fazer. Existiam dentro desta editoria pessoas mais vocacionadas para a saúde, para a educação, para a justiça e agora, com a redução de “pessoal”, cada um tem que fazer um pouco de tudo. Nem vale a pena, quando sabemos o assunto de véspera, tratar o tema, porque num dia é uma coisa e noutro é outra. Nunca sabemos”, refere Luís Filipe.

O tema que lhe foi entregue iria servir de contextualização perante o que aconteceu na linha de comboios na Maia como complemento à história que marcou durante alguns dias os serviços informativos da RTP.

Para o jornalista merece um destaque de “despromoção da campanha preconceituosa que os meios de comunicação social fazem a esta tragédia. É importante não tratar estes miúdos como delinquentes e marginais. Os jovens estavam a

praticar uma “espécie” de arte urbana e testar os seus próprios limites. Infelizmente as coisas acabaram mal para eles. Já estive a ver uma peça do “Jornal da tarde” que retrata esta atitude mais leviana dos jovens. É importante não generalizar e não estereotipar este tipo de casos. A minha colega tem uma maneira de contar a história, tem um ângulo e preferiu ir dessa forma. [A jornalista tinha imagens de arquivo onde jovens que tentavam grafitar uma carruagem estavam a ser alvo perseguição por um piquete, algo que os jovens não gostaram e começaram a apedrejar o revisor]. Tudo isto para dizer que é importante mostrar uma versão mais contextualizada do acontecimento e não optar por fazer considerações”

Para isso realizou uma entrevista que durou mais de 28 minutos que serviu não só para dar a palavra ao interveniente como também serviu para ajudar o jornalista a perceber este fenómeno – BackJump – que pela inexperiência com este tema não dominava. “Por vezes são os próprios intervenientes que nos ajudam a contar a história, que nos explicam o que se passa, porque não temos tempo para pesquisar ou então porque não dominamos o assunto”. A edição da peça ficou para o dia seguinte.

À semelhança de Luís Filipe Fonseca, Lavínia estava a almoçar quando a Rita lhe liga a informar que tinha um direto para a RTP 3 sobre a reversão da privatização da TAP, e, que tinha sido pedido pela editoria de economia. “Mais uma vez, por falta de recursos, somos “emprestados” às outras editorias para fazer serviços”, remata a jornalista.

Assim que chegou do almoço começou a pesquisar alguma informação sobre o assunto. As diretrizes que tinham sido dadas pela coordenadora, Rita Ramos, foram escassas. Leu artigos que estavam disponíveis na Lusa e partiu para sala de caracterização uma vez que tinha um direto pela frente. Na própria sala da maquilhagem encontrou a jornalista de economia, Fernanda Fernandes, que lhe explicou um pouco melhor, mas que a aconselhou a perguntar ao jornalista Paulo Solipa, porque era ele que iria editar a peça. Tentou ligar-lhe e nada. Quando já estava a caminhar para a sala dos repórteres de imagem eis que o jornalista apareceu e “salvou” a Lavínia. “Estava completamente a zeros. Não tinha qualquer ideia do que se estava a passar na TAP e muito menos aquilo que ia passar-se. Graças ao Solipa que me fez um briefing do assunto senti-me mais enquadrada e capacitada para fazer perguntas. Isto porque tinha que fazer uma entrevista ao Fernando Pinto que era ouvido na Autoridade Nacional de Aviação Civil (ANAC) sobre a reversão da privatização da TAP provocada pelo anterior governo [Passos Coelho e Paulo Portas]”.

Quando se estava a dirigir, juntamente com o repórter de imagem Mário Piteira, foi informada que não iriam existir diretos para a RTP3. O teradek que a jornalista levou serviria para que o jornalista Paulo Solipa, em tempo real, fosse acompanhando a entrevista e definir o ângulo da peça. “Quando há jornalistas de economia na sala pode ser bom e mau. Bom, porque, quando estamos às escuras e eles conseguem elucidar-nos. Mau, no sentido de terem perguntas muito específicas sobre o tema”, refere.

4.3.4. Segundo dia de análise

Contrariamente ao primeiro dia a jornalista Helena Sousa e Silva chega à RTP, para fazer o turno da manhã, poucos minutos passavam das oito da manhã. Na mala traz apenas o telemóvel, a carteira e a caneta. Pronta para mais um dia de trabalho onde a incerteza pelo que vai fazer se instala. De piquete para o “Jornal da tarde”, serviço informativo da RTP1 com início às 13h, está preparada ou tenta estar para qualquer eventualidade que surja. Quarenta minutos depois de ter “picado” a entrada na RTP foi informada pelo coordenador do Jornal da Tarde, Pedro Figueiredo, que tinha uma peça para fazer.

Seria, apenas, uma reação da APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, referente ao projeto-lei, apresentado e aprovado em conselho de ministros por PSD e CDP-PP, que vai ser discutido na Assembleia da República (A.R.) no qual surgirão medidas sancionatórias para quem abandona idosos ou os maltrate. A punição pode chegar até a dois anos de prisão. A jornalista elenca como um dos constrangimentos de trabalhar ao sabor dos acontecimentos, sem preparação/coordenação é o facto de muitas vezes os contactos telefónicos terem que ser feitos em “cima do joelho” podendo correr bem como correr mal. Neste caso até correu bem, porque o presidente das APAV atendeu logo e mostrou-se disponível. Helena de Sousa e Silva considera que “se tivesse existido preparação de véspera, que podia ter existido, não ocorreriam estes problemas e podem tornar-se grandes problemas quando o nosso trabalho fica dependente se nos atendem ou não”.

Apenas com vinte minutos para se preparar, Helena, tenta pesquisar alguns “telex” – envios rápidos pelas agências noticiosas (Lusa) – e ainda ouvir a entrevista que o presidente da APAV deu à TSF. Durante o percurso entre a Marechal Gomes da Costa e a Rua José Estevão foi partilhando ideias com o repórter de imagem também de piquete nesta manhã informativa. O assunto não precisava de muito detalhe na imagem, apenas as declarações dos intervenientes uma vez que a jornalista já tinha pedido imagens de arquivo para “pintar” a peça. Por volta das vinte para as onze da manhã a equipa de reportagem chegou à RTP. Altura de observar as imagens de arquivo, ouvir, cortar os vivos e escrever o texto para a peça.

No segundo dia de análise Luís Filipe Fonseca chega à RTP à uma da tarde, num dia que previa que fosse calmo, sem trânsito e até sem correrias na RTP. Porquê? Porque é fim de semana e, habitualmente, são poucas as pessoas que trabalham neste horário ficando, assim, encarregue por estes jornalistas que asseguram o trabalho do fim de semana.

Por norma os jornalistas quando chegam à redação ao fim de semana têm uma reunião geral com a coordenadora do Telejornal de modo a perceber se já existem temas que devem ser trabalhados. Só depois dessa reunião onde todos os jornalistas destacados para trabalhar ao fim de semana se reúnem é que vão almoçar ao refeitório da RTP. Luís até que estava calmo, sereno, como a sua personalidade o caracteriza, mais até que o normal porque já tinha uma tarefa pendente do dia anterior – escrever e editar a peça sobre o Backjump.

Num primeiro contacto com a coordenadora do telejornal estava tudo alinhado para que o jornalista pudesse dar continuidade ao trabalho deixado de véspera. Foi almoçar

A Cimeira do Clima, ou COP21, é uma conferência anual organizada pelas Nações Unidas onde se debatem os efeitos das alterações climáticas e medidas para as combater. Os 195 representantes dos vários países vão tentar traçar um novo acordo para a diminuição da emissão global de gases de efeito estufa, o que deverá diminuir os efeitos e a evolução do aquecimento global. Outro dos objetivos é limitar o aumento da temperatura global para 2°C, visto que já aumentou quase 1°C.

(LFF)

com toda a equipa, enquanto a coordenadora ficou a olhar por o alinhamento do Jornal da Tarde desse mesmo dia e, ainda, para o semanário Expresso, Público, Diário de Notícias, Económico, Correio da Manhã e sites online.

De regresso do almoço, os restantes colegas que já tinham algumas tarefas para dia foram para os seus postos de trabalho, enquanto Luís com alguma calma foi tomar café porque não precisava de pressa para escrever e editar a peça. “Tinha tudo sob controlo”, até que a coordenadora do telejornal lhe liga e diz que vai ter que deixar a peça para o dia seguinte porque tinha uma outra tarefa para o jornalista. De mãos na cabeça vai para a redação de informação para falar melhor com a coordenadora. Pouco havia a dizer porque a decisão já estava tomada e, aliás, alinhado no Telejornal. Seria, mesmo, o jornalista Luís Fonseca a fazer uma peça sobre a Cimeira do clima que se realizava em Paris e o facto dos 195 países participantes terem assinado um pacto contra o aquecimento global.

Os jornalistas quando não têm imagens recorrem a arquivo, se o assunto for internacional utilizam imagens de agências noticiosas como é o caso da Reuters ou Eurovision.

O percurso habitual é simples e não leva muito tempo. Neste caso, o jornalista recorreu em primeiro lugar à agência Reuters, porque recebeu indicação por parte da coordenadora que tinha imagens dos discursos. Fez um scroll pelas histórias disponíveis e encontrou a que pretendia. Bastou ler a *shortlist* para perceber que era aquela história que precisava ou uma das histórias. Verificou que não bastavam os discursos e que precisava também de vários planos para construir a peça, porque em “televisão construímos o texto com base nas imagens que temos. Se não temos imagens não temos peça, não temos assunto porque, simplesmente, não o podemos mostrar”, confessa. Tendo o número da história no canto superior direito da página, bastou ligar para a extensão telefónica do gabinete de imagens internacionais da RTP para as colocarem no servidor e aí começar a pensar numa forma de contar a história com base nos discursos disponíveis. Não foi difícil porque os discursos já estavam editados/cortados pela agência. Agora bastava recolher imagens da cerimónia e até, segundo o jornalista, de arquivo rtp que ilustrassem alguma poluição. Com poucas imagens ainda assim decidiu começar a escrever o texto porque já faltava pouco tempo para o jornal e tinha peça de abertura.

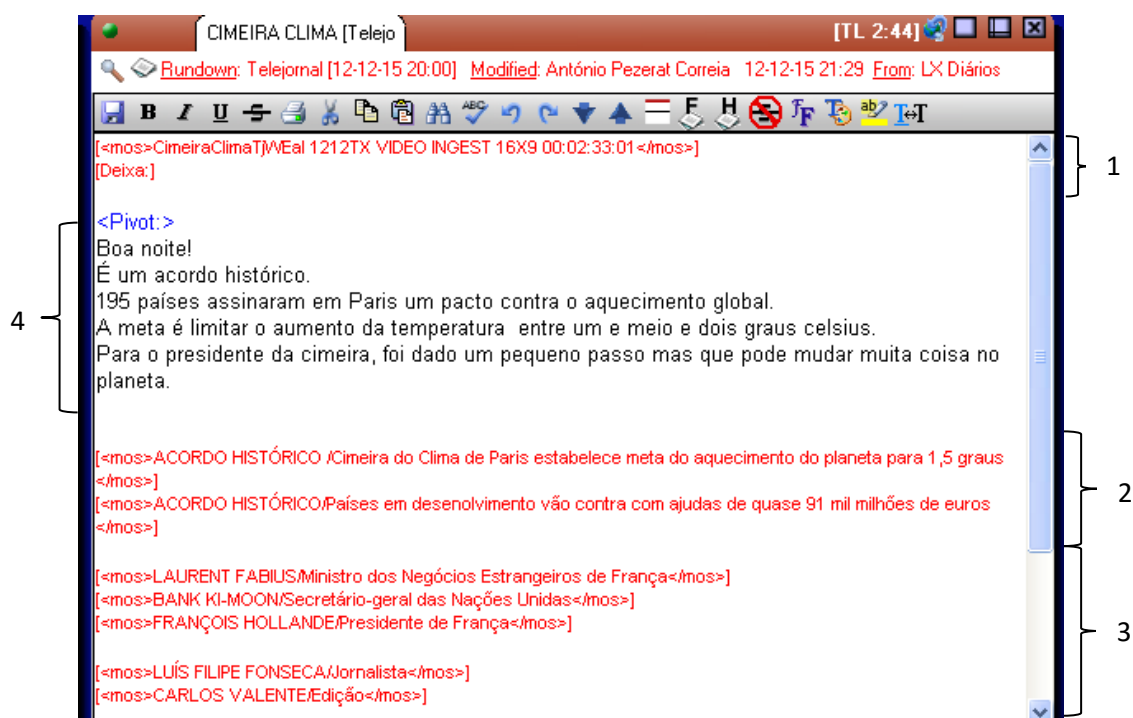
B6	PIVOT lança TELEJORNAL			OK		C	IN+HD	0:00	✓		
C0	GENÉRICO INICIAL	====	====	OK		MPB	MPB	0:00	✓		CRISTINA ESTEVES/RTP RT15TeleJ 0000gr
C1	CIMEIRA CLIMA	ces	LFF	OK		SV	SV	2:33	✓		CimeiraClimaTJVEal 1212TX ACORDO HISTÓRICO /Cimeira do Clima de Paris estabelece meta do aquecimento do planeta para 1,5 g ACORDO HISTÓRICO/Países em desenvolvimento vão contra com ajudas de quase 91 mil milhões de eu LAURENT FABIUS/Ministro dos Negócios Estrangeiros de França BANK KI-MOON/Secretário-geral das Nações Unidas FRANÇOIS HOLLANDE/Presidente de França LUÍS FILIPE FONSECA/Jornalista CARLOS VALENTE/Edição
C2	REAÇÕES ACORDO	ces	AMT	OK		SV	SV	2:06	✓		ClimaReaxTJVAfr 1212TX ACORDO HISTÓRICO/Ambientalistas cautelosos nos aplausos, alertam para a fragilidade dos mecanis ANTÓNIO MATEUS/Jornalista RICARDO PASSOS MOTA/Imagem JOSÉ RUI RODRIGUES/Edição
C3	>> direto PARIS	ces	LAV	OK	D1	SAT	SAT	2:30	✓		ACORDO HISTÓRICO /Cimeira do Clima de Paris estabelece meta do aquecimento do planeta para 1,5 g ACORDO HISTÓRICO/Países em desenvolvimento vão contra com ajudas de quase 91 mil milhões de eu ACORDO HISTÓRICO/Ambientalistas cautelosos nos aplausos, alertam para a fragilidade dos mecanis PARIS, FRANÇA LAVINIA LEAL/RTP CARLOS MARTINS/Secretário de Estado do Ambiente

Legenda 1 – Alinhamento do Telejornal com a posição da peça do jornalista investigado.

Por falta de imagens o jornalista estrategicamente decidiu começar a peça com o anúncio do acordo em formato de discurso. Só depois começou a explicar e utilizou os

discursos. Para colmatar a falha de imagens, o arquivo foi importante para resolver o problema. O jornalista utilizou vários carros a circularem, na zona histórica de Lisboa, e com o enfoque centrado na poluição através dos escapes.

Não se exigia em termos de imagens muitos pormenores porque, estas, eram poucas e tinham que ser bem reutilizadas. O texto foi construído a contar com estes problemas. O jornalista demorou também algum tempo a escrever o texto porque não estava dentro ou inserido no “espírito” da cimeira do clima. Foi preciso ler mais informações adicionais, sites internacionais, nacionais e, ainda, falou com pessoas responsáveis pelos assuntos internacionais da RTP que o orientaram melhor. Desta forma foi possível escrever uma peça sobre um tema que não estava familiarizado num curto espaço de tempo. Estando a peça editada era preciso enviá-la para o serviço de legendagem porque tinha declarações noutras línguas que não o português. Estando esse trabalho feito, foi momento de escrever o pivot, os oráculos e ainda os títulos televisivos, como se pode ler abaixo.



1 – A peça do jornalista está colocada no servidor com o nome: CimeiraClimaTjWEal 1212TX. Ou seja, CimeiraClima são palavras-chave que identificam a peça. Tj o nome do serviço informativo onde vai ser transmitida a peça. W serve para separar a informação importante para uma informação mais desnecessária, mas não menos importante. Eal foi quem gravou a versão ou a última versão. 1212 a data até quando a peça deve estar disponível no servidor. TX quer dizer que está pronta para ir para o AR. Neste caso como a peça foi editada, sem legendas nos discursos, foi gravada, numa primeira versão, com CimeiraClimaTjWEal 1212LG. Depois de legendada ficou com TX para que quem esteja na régie saiba que é a peça certa.

2- Títulos que aparecem no rodapé do televisor.

3- Oráculos com o nome das fontes de informação.

4- O texto que se chama pivot, pois é lido pela pivot do noticiário. Nesse caso pela jornalista Cristina Esteves. O texto é escrito pelo jornalista, mas, que por norma, é modificado por quem apresenta. Porquê? Pode ter algum erro ou então pode envolver uma palavra que o pivot não se sinta confortável com ela.

Lavínia recebeu indicações pela coordenadora, Rita Ramos, no dia anterior que iria entrar às 13 horas e que ficaria a trabalhar para o telejornal. No entanto, estava em casa, nas suas tarefas domésticas, quando recebe um telefonema da Rita para lhe perguntar se seria possível entrar mais cedo porque tinha uma entrevista para fazer. A entrevista tinha sido pedida por uma equipa do Porto que estava a preparar uma peça para o Jornal da tarde. Quem fez o pedido à Rita para que a Rita destacasse algum jornalista foi a coordenadora de Informação, Natália Oliveira.

Uma vez mais a jornalista iria fazer uma entrevista para a editoria de economia. Trata-se de uma declaração de Ana Avoila, coordenadora da Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública, sobre o alargamento da ADSE aos filhos até 30 anos, aos conjugues e ao setor empresarial do Estado. O Orçamento do Estado para 2016 prevê o alargamento do universo de beneficiários.

A jornalista quando recebeu o telefonema ficou atónica, pois não sabia o que iria perguntar, nem o que se estava a passar sobre o assunto da ADSE. Segundo Lavínia, “informei-me durante o percurso de minha casa até à RTP. Como? Perguntas e muito bem. Através da notícia que a TSF estava a transmitir. Foi assim que, mais uma vez, me inteirei do assunto. Sem bases prévias. Uma espécie de desenrasca”.

Quando chegou à RTP a jornalista dirigiu-se, logo, para a secção dos repórteres de imagem onde tinha à sua espera Fernando Andrade com uma teradek na mão para seguirem viagem até à Rua Rodrigues Sampaio número 38 - sede da Frente Nacional. Durante o caminho Lavínia Leal recebe uma chamada do jornalista do Porto, Marcelo Sobral, que deu algumas indicações. Tendo esta equipa levado teradek para o local do acontecimento as imagens estavam a chegar em tempo real ao Porto, facilitando, o trabalho do jornalista que tinha peça para o Jornal da Tarde e poucos minutos faltavam para que começasse.

Em conversa com a jornalista, Lavínia Leal, expressava algum descontentamento com as relações que existiam entre as duas grandes redações afirmando que “é muito complicado gerir o trabalho quando é entre Lisboa e Porto. Temos que transmitir a mesma mensagem a diversas pessoas, ao nosso coordenador, ao coordenador deles, ao jornalista que vai escrever a peça e, com isso, perdemos imenso tempo. Podíamos estar nessa altura a rentabilizar o nosso tempo com outras tarefas úteis para a empresa”.

Terminada a tarefa partiu para outra, o desafio foi lançado pela coordenadora, Rita Ramos. Neste dia apenas se dedicou a recolher e fazer alguns contactos para a história que iria realizar dias depois.

4.3.5. Terceiro dia de análise

Helena Sousa e Silva foi informada pela Natália Oliveira, coordenadora adjunta de informação, que tinha um serviço para essa manhã e que tinha hora de saída às 9:30h.

Teve apenas dez minutos para perceber o que seria a peça para o “Jornal da Tarde”. Em conjunto com a Natália compreendeu que seria uma reação dos clientes do Banif em relação à suposta queda do banco. Sem muito tempo para se preparar limitou-se a ler alguns títulos na imprensa diária para não sair “às escuras” da redação.

As dificuldades começam logo à chegada da primeira agência do Banif. A forte chuva que se fez sentir essa manhã dificultou a vida a estes profissionais. Avizinhava-se uma tarefa complicada, porque as pessoas podem ser imprevisíveis. “Tanto podem responder com clareza, como podem ser vagas ou nem sequer responder. Sabendo, à partida, que a peça é só com reações dos clientes do Banif é difícil executar a tarefa quando não há fontes para darem “sumo” à reportagem”, esclarece a jornalista.

Ouvidas as pessoas foi altura de regressar à redação e colocar as imagens no servidor para se montar a peça. Poucos minutos passavam do meio-dia quando a equipa chegou. A menos de 40m para o início do “Jornal da Tarde” a peça começa a ser preparada. Não tinha muito tempo uma vez que era uma das primeiras peças no alinhamento. A dez minutos para que o serviço informativo das 13h comece a peça estava pronta.

As notícias são já da noite anterior. Notícias que dão conta do fecho do banco fazem com que comece a existir uma onda de especulação entre os clientes. Os títulos começam bem cedo com o principal índice da bolsa portuguesa, PSI 20, a cair ligeiramente com o Banif a liderar as quedas. O governo português já disse que está de olho no assunto e que poderá existir uma separação entre banco “bom” e banco “mau”. Toda esta incerteza despoletou uma corrida às agências do banco para perceberem o que se está passar. Essas reações foram recolhidas pela equipa de reportagem da RTP que se limitou a ouvi-las.

Num	Título	Apr Final	Status	Pivot	Jorn.	Del	MOS ID	Video Mix	MOS Chan	Origem	Audio Mix	Media Time	Acum	Tape ID	Título MOS
B0	GENÉRICO INICIAL	✓	OK		HS		PILOT LX OMNI PT RTP MOS	RT15JTarde 0000gr (s/key)		MPB1	MPB1	0:00	0:54		HÉLDER SILVA/RTP RT15JTarde 0000gr
B1	Touch SORTEIO PORTUGUESES	✓	OK	HS	IG			=off= touch Champions Europa + graf jogos		C+MPB	IN	0:00	1:13		
B2	SOLUÇÃO BANIF	✓	OK	HS	SMS		OMNI PT RTP MOS PILOT LX PILOT LX PILOT LX PILOT LX PILOT LX PILOT LX	Touch Banif		SV	SV	2:25	3:55 (graf)		BanifVMsc 1412TX BANIF: À PROCURA DE SOLUÇÕES BANIF: À PROCURA DE SOLUÇÕES BANIF: À PROCURA DE SOLUÇÕES BANIF: À PROCURA DE SOLUÇÕES SANDRA MACHADO SOARES/Jornal JORGE C. VIEIRA/Imagem HUGO MELO/Imagem MARCELO SÁ CARVALHO /Edição
B3	BOCA MIGUEL ALBUQUERQUE	✓	OK	HS	CRIS		OMNI PT RTP MOS PILOT LX	Touch Banif		SV	SV	0:28	4:34		MiguelAlbBoca2Vcri 1412TX REESTRUTURAÇÃO BANIF/President MIGUEL ALBUQUERQUE/Pres. Govern
B4	CLIENTES BANIF	✓	OK	HS	HSS		OMNI PT RTP MOS PILOT LX PILOT LX PILOT LX PILOT LX	Touch Banif		SV	SV	1:16	5:56		ClientesBanifUTVenu 1412TX CLIENTES PREOCUPADOS/Balões d CLIENTES PREOCUPADOS/Algumas p HELENA SOUSA E SILVA/Jornalista HUGO MELO/Imagem ANTÓNIO NUNES/Edição

Legenda 2 – Posição da peça da jornalista Helena Sousa e Silva no Jornal da Tarde da RTP1

Neste terceiro dia de análise, e, durante o fim de semana, o jornalista Luís Filipe Fonseca começa por ir à reunião constituída pela coordenadora do Telejornal, produtora e ainda os restantes jornalistas destacados para o fim de semana. O jornalista sabia que a tarefa

do dia era fácil, limitava-se à edição da peça que tinha deixado para fazer. o jornalista começou por visionar as imagens deixadas, e, prolongadas, no servidor. Através delas começou a escrever o texto. Ainda faltavam algumas horas para o telejornal começar, mas nada como editar mais cedo e evitar as filas e os encontrões para editar uma peça.

E no terceiro dia de investigação a jornalista, Lavínia Leal, contrariamente aos últimos dias já tinha um serviço marcado de véspera. Tinha saída da RTP prevista para as nove e meia da manhã, foi, precisamente, a essa hora que a jornalista chegou às instalações da empresa, na Rua Marechal Gomes da Costa. Tratava-se da apresentação pública do relatório “Portugal – Doenças Cérebro-Cardiovasculares em Números 2015”. Esta apresentação pública contava com a presença de Francisco George, Diretor geral de Saúde entre outras entidades.

Em conversa com a jornalista, Lavínia diz que “é complicado mas ao mesmo tempo estimulante para um jornalista de sociedade mudar de um dia para o outro o ship. Ontem estava com economia e hoje estou com saúde. Duas áreas completamente diferentes e que merecem alguma atenção e rigor. Embora, no dia-a-dia, não haja tempo para percebermos tudo aquilo que se passa, devido às dinâmicas do mundo e do nosso trabalho, mas em momento algum, se coloca o rigor jornalístico em causa. Se falarmos que o trabalho é mais completo isso, sim, é verdade. Apenas abordamos os temas com alguma superficialidade e não tão afundo. Neste tipo de acontecimento (saúde, economia) existem pessoas muito especializadas nos outros meios de comunicação o que faz com que o nosso trabalho seja ainda mais dificultado. Temos que ter consciência que esses jornalistas vão fazer perguntas muito específicas e nem sempre as pessoas querem isso. Temos que avaliar tudo muito bem e fazermos as perguntas certas e as mais esclarecedoras. O contacto com outros colegas de profissão, em algumas circunstâncias é bom e mau, porque podem estar muito disponíveis para nos enquadrar como podem nem sequer trocar uma palavra. É difícil”, conclui.

A jornalista tinha peça para o Jornal da Tarde da RTP. Eram 12:16h quando chegou à RTP. Apenas faltavam 44 minutos para arrancar o jornal. Durante o caminho a jornalista foi anotando algumas ideias no papel para que quando chegasse à sua secretária fosse mais fácil construir o texto. Quando chegou ao seu “canto” na redação começou a ver as imagens, a cortar os vivos (dos entrevistados) e escrever o texto da peça. Em 44 minutos pediu imagens de arquivo e ainda grafismo para que, segundo Lavínia, “não aborrecesse o telespetador. Uma peça secante obriga o jornalista a ser mais criativo e a utilizar elementos que ajudem as pessoas a perceber números”.

Entrou na sala de edição faltavam dez minutos para a uma da tarde, a peça ficou pronta 40 minutos depois.

Contrariamente aos colegas investigados, Lavínia para além da tarefa do dia, deu início aos contactos que tinha feito no dia anterior, foram concretizados com entrevistas via skype para que dois dias depois fosse possível montar a peça sobre judeus que pedem nacionalidade.

4.3.6. Quarto dia de análise

A tarefa deste quarto dia para a jornalista Helena Sousa e Silva, que foi pedida pela coordenação do Porto, baseia-se nos desenvolvimentos do processo da tragédia do Meco. Dois anos depois de tudo ter acontecido, as famílias das vítimas vão processar a universidade Lusófona e o único sobrevivente, João Gouveia, de quinze em quinze dias.

Foi pedido que a peça tivesse a declaração do advogado que representa as famílias, Vítor Parente Ribeiro. Os contactos começaram cedo. Feitas quatro chamadas e enviada uma mensagem pela jornalista não havia novidades nenhuma do advogado. Cerca de trinta minutos depois foi feita outra tentativa que por sorte teve sucesso. O advogado informou a jornalista que se dirigia para o tribunal de Sintra, que não estaria disponível, pelo menos para já, a uma entrevista. Notou-se algum desconforto por parte de Helena Sousa e Silva visto que o trabalho dependia da entrevista. Bastou mais um minuto para que a jornalista explicasse a situação e a sua urgência para o advogado aceitar o convite de uma entrevista. Estaria disponível mas só depois da audiência que iria ter e que poderia descolar-se às instalações da RTP para explicar esta ação judicial que os familiares querem interpor à faculdade e ao dux. Depois de obter resposta do advogado a jornalista comunicou o que se passava à coordenadora do “Jornal da tarde, Susana Santos, e à coordenadora-adjunta de informação, Natália Oliveira.

Atendendo que ainda há tempo até às 13h para realizar a peça, a jornalista tem aqui uma oportunidade para ir adiantando serviço. Pediu imagens de arquivo e começou a fazer uma pesquisa por todo o processo judicial. Recolhido o material de pesquisa começou a visionar as imagens de arquivo, para que possa ter uma ideia de como poderia montar a peça.

Eram 11:30h tal como o advogado tinha previsto chegar à RTP. A entrevista decorreu normalmente no hall de entrada onde se debateram vários temas. Daqui escreveu o texto e seguiu para a sala de edição.

Este quarto dia continuou a ser de alerta para Luís Filipe. A “história”, se é que se possa chamar história, foi pedida pela editora de sociedade, Rita Ramos. Trata-te do mau tempo no arquipélago dos Açores.

O jornalista tinha poucas informações sobre o que se estava passar na ilha dos açores. Quando se trata de situações meteorológicas é tudo imprevisível, podendo o rumo da história se alterar consoante a ocorrência de alguma coisa que mereça ser destacado. Atendendo a esse pormenor junta-se também o facto de o jornalista estar sentado na sua secretária à espera que a informação chegue pela Lusa, sites informativos, redes sociais e ainda pelo jornalista da RTP Açores que estava no local e que ia dando informações preciosas ao jornalista. De salientar que as imagens estavam a chegar via satélite dos Açores para Lisboa, existe como em todas as transmissões delay e, devido ao mau tempo, podiam vir danificadas.

As imagens devem assim respirar/transbordar informações importantes para quem está a ver em casa. Claro que numa tragédia como esta as coisas são imprevisíveis e convém ter algum sentido de orientação para não desperdiçar tempo e rentabilizar todos os pormenores. Segundo o jornalista “a principal dificuldade de uma história como esta, em que temos que estar sentados na cadeira à espera que as coisas aconteçam é não termos muito poder de decisão. As coisas são assim porque o jornalista e o repórter de imagem escolheram fazer aquelas imagens, recolher aquele depoimento e assim sucessivamente. Claro que aqui

posso cortar e adaptar mas é sempre mais limitativo. Principalmente quando perco imenso tempo à espera das imagens. O tempo passa e não tenho imagens para explicar a história. Por vezes o que acontece, em situações do género, são os vídeos amadores que, em alguns casos, são uma boa alternativa. São pessoas que estão no local à hora certa e que conseguem captar registando o momento. Mas, ainda assim, é preciso ter cuidado com as redes sociais. Temos que ter um bom sentido de orientação, rigor e capazes de filtrar tudo. São boas por um lado e más por outro”, confessa o jornalista.

As imagens foram chegando a conta-gotas. Os depoimentos chegavam nuns envios, as imagens noutras, existia já uma quantidade infinita de ecrãs abertos no software de edição do jornalista. Visionou todas as imagens, ouviu todos os discursos e resolveu arregaçar as mangas e escrever o texto. Uma “mixórdia de informações e imagens”, como classificou o jornalista, foi pretexto para ter mais atenção ao texto e às palavras que escolhia empregar em cada frase. Recorreu a um casal que devido ao mau tempo ficou desalojado, utilizou ainda depoimentos de proprietários de lojas que tinham sido surpreendidos com a enxurrada de água e, por último, a proteção civil para enquadrar e explicar o fenómeno.

Juntando todos os ingredientes necessários o bolo estava pronto para ser levado ao lume, é como quem diz, ir para edição. Um assunto que era completamente diferente do dia anterior em que o jornalista não estava familiarizado. “Ao longo dos anos vamos estando habituados a esta rotina da incerteza e ficamos mecanizados. Não somos especialistas em nada, somos tapa buracos e que ainda assim transmitimos informações credíveis e cativantes”, remata.

Não é o caso da jornalista Lavínia Leal que agarra um assunto que já vinha a ser desenvolvido há dois dias.

No entanto, no próprio dia, a coordenadora de informação em Lisboa, Natália Oliveira pediu à jornalista que fosse entrevistar um inspetor sobre empresas que fazem vendas com prejuízos. A entrevista estava alinhada na agenda às 14 horas. Dessa entrevista resultaria uma “boca/vivo” para uma peça que a redação do Porto estava a trabalhar. Até lá, Lavínia Leal continuou a fazer mais contactos para a peça que iria montar sobre os judeus que pedem nacionalidade. No meio de tanto contacto, em que muito ajudou o *facebook*, conseguiu um privilegiado. A entrevista, através do *skype*, era possível, mas só para o início da tarde. Ou seja, a jornalista tinha um sarilho, mas que rapidamente resolveu. Falou com a coordenadora Rita Ramos que destacou logo outro jornalista para o serviço pedido pela Natália Oliveira.

4.3.6. Quinto dia de investigação

Em cinco dias de análise Helena Sousa e Silva foi avisada duas vezes, no primeiro e no último dia. A jornalista recebeu uma chamada telefónica, no dia anterior, da coordenadora Rita Ramos para que na manhã seguinte estivesse preparada para fazer uma maratona de diretos.

Depois do telefonema a jornalista começou a fazer o trabalho de pesquisa. “Contrariamente do que aconteceu nos dias anteriores, hoje consegui preparar-me com alguma antecedência e isso ajuda no trabalho final. Ontem à noite vi as peças de todos os jornais televisivos, tentei ligar para colegas que tinham estado no local e ainda li algumas notícias na internet. Esta manhã quando tomava o pequeno-almoço aproveitei para ler mais sobre o assunto para perceber se existiam novidades, porque não havia tempo para o fazer quando chegasse à RTP”, refere a jornalista.

Para isso, antes de sair, foi necessário ir à sala de maquilhagem e arranjar o cabelo. O assunto está na ordem do dia, provoca estupefação aos encarregados de educação que viram os seus filhos com uma intoxicação alimentar na Amadora, Lisboa.

A jornalista começou por fazer o primeiro direto no “Bom dia Portugal” onde fez um retrato geral da situação para contextualizar os telespectadores.

Regressa e faz o mesmo, mas para outro canal, a RTP 3 – canal de informação do grupo. Para que as informações fossem “frescas” e mais credíveis a jornalista tentou que o diretor da escola estivesse presente no direto do “Bom dia Portugal”. Não sendo possível porque era necessário pedir autorização à Santa Casa da Misericórdia, o responsável pela instituição escolar foi pormenorizando todos os detalhes que fossem fulcrais para o direto que ia ter. “A indicação que o coordenador do “Bom dia” me deu foi para que fosse feito um direto quando chegasse ao local do acontecimento, mas tentei explicar-lhe que não tinha praticamente informações novas, que tentaria chegar à fala com alguém responsável. O Hélder [coordenador] lá percebeu e atrasou a história no alinhamento para que fosse possível recolher esses dados”, diz Helena Sousa e Silva.

Feitos os diretos, regressa à redação.

Contrariamente ao que aconteceu nos últimos dias de análise em que Luís Fonseca chegava à redação da RTP às 13h, hoje, chegou às quatro da tarde, pois, estava de piquete da noite. Destina-se, sobretudo, a acontecimentos que ocorram no momento, são, por isso, inesperados e que o jornalista pode ir diretamente para o local de incidência ou acompanhar na redação. Pode ser um acontecimento internacional em que as imagens vão chegando, por intermédio, das agências.

Foi, precisamente, aquilo que aconteceu na noite em que Luís Filipe Fonseca esteve de piquete. Começou eram quatro da tarde, olhou para o alinhamento do telejornal para perceber se tinha alguma peça para o dia, logo, depois para a agenda do dia. Verificou que para além de estar de piquete da noite não tinha mais nenhuma tarefa em mãos. Esperava-se um dia calmo e sem grandes aflições. Tudo decorria dentro da normalidade até que as horas foram passando e nada. Poucos minutos faltavam para as oito da noite quando se sabe que sessenta e sete pessoas sofreram uma intoxicação alimentar numa escola, num lar de

idosos e num centro de dia da Santa Casa da Misericórdia da Amadora. Para além do estabelecimento de ensino foram registados incidentes no Lar de Santo António (localizado no mesmo complexo da escola) e no Centro de Apoio à Terceira idade do Casal da Mira, na freguesia de Mina de Água.

O jornalista foi destacado para acompanhar durante a noite os desenvolvimentos ocorridos e quais as causas deste acidente alimentar. Num primeiro momento saíram da RTP duas equipas, uma para a escola e outra para o hospital, estas equipas foram preparadas com meios de direto para o Telejornal que estava a decorrer. Só depois é que o Luís saiu da redação com a indicação por parte da coordenadora, Rita Ramos, que poderia fazer diretos ao longo da noite para a RTP 3. O trabalho que o jornalista iria fazer seria crucial para que as equipas do 24horas – serviço informativo da RTP 3, produzido no Porto – e do Bom dia Portugal conseguissem fazer uma peça do acontecimento.

Primeiramente o jornalista foi mandado para o local onde tudo aconteceu ou onde a propagação foi mais notável, ou seja para a porta do estabelecimento de ensino. Como pouco ou nada acontecia foi depois transferido para a porta, não do hospital, mas sim, do centro de saúde onde ainda estavam a chegar idosas vítimas dessa intoxicação. Procurou ouvir alguns médicos e ainda o responsável pela Administração Regional de Saúde que lhe explicou as circunstâncias deste fenómeno, os efeitos e as consequências que podem ter as



Legenda 3 - Teradek

peças envolvidas neste incidente. Declarações que foram enviadas ao longo da noite, através de teradeck, para a equipa do Porto que tinha em mãos o jornal 24horas.

O teradek é “equipamento que através de pen’s banda larga consegue transmitir imagens codificadas para a estação e que depois são decodificadas e colocadas no servidor” segundo Fernando Rocha, responsável pela gestão dos repórteres de imagem da RTP. “Existem mais vantagens do que desvantagens na utilização dos teradeks. Podemos estar em qualquer parte do mundo em direto. Por exemplo, se quiser transmitir ou estar em direto do rio, nós através deste equipamento conseguimos. É rápido e mais barato” salienta Rocha.



Legenda 4 – Teradek embutida da câmara que o repórter de imagem leva para o local do acontecimento que é utilizada para direto ou para envio de imagens. Do lado direito é a linha de comandos da RTP, e, é aqui que chegam todas as imagens sejam da Informação ou do Entretenimento. É aqui que chegam as imagens do *teradek* que depois são transferidas para o AGS ou para as respetivas régies.

Sendo possível enviar as imagens para o Porto foi possível a tempo útil montar uma peça sobre o assunto. O trabalho estava assim terminado para o jornalista. O dia e o piquete terminaram à meia-noite.

Já para Lavínia não seria muito complicado este dia. Porquê? Porque já tinha tudo preparado e muito material já recolhido, como entrevistas e arquivo RTP. Para este dia a jornalista tinha já de véspera marcada uma equipa. Tinha saída prevista para as 11:30h da manhã e sairia com a repórter de imagem Carla Quirino. Em causa estava a continuação do trabalho que Lavínia já tinha em prática há já alguns dias atrás. Trata-se de judeus que pedem nacionalidade. Portugal concedeu a nacionalidade a 103 descendentes de judeus sefarditas que fugiram da Inquisição ou foram expulsos há 500 anos. A lei que pretende fazer justiça histórica está em vigor há um ano e há centenas de pessoas em todo o mundo que estão a tentar recolher provas da origem portuguesa.

A jornalista diz que “as redes sociais são ótimas para encontrar pessoas. Tinha apenas alguns apelidos e algumas sugestões de nomes. A internet e, em particular, o *facebook* são uma ferramenta muito boa porque consegui ter sorte e encontrei as minhas fontes. Algumas entrevistas conseguiram ser feitas através de *Skype*. Sem o *facebook* não teria encontrado assim tantas pessoas”.

Todos estes cidadãos já tinham endereçado o pedido ao governo português, em particular, ao ministério da defesa. O governo aprovou o diploma que regula a atribuição da nacionalidade portuguesa aos descendentes de judeus sefarditas. A ministra da Justiça diz que, mais do que uma reparação histórica, esta decisão é a atribuição de um direito. Paula Teixeira da Cruz diz também que este é um sinal de que Portugal condena a vaga de anti-semitismo que se tem verificado, em alguns países da Europa. Todos eles contactaram a Torre do Tombo, o maior Arquivo Nacional. Para a jornalista a captação de imagens neste local foi crucial e “deu outra dinâmica à peça. Ainda bem que tivemos autorização e conseguimos entrar. Foi uma sorte. Tinha feito o pedido com alguma antecedência e não tinha obtido resposta nenhuma. Hoje saímos ainda sem uma resposta. Chegámos e nada. Só tínhamos uma alternativa. Gravar o exterior da Torre do Tombo e fazer a entrevista planeado no exterior. Felizmente minutos depois de chegarmos ligam-nos a dizer que tinham visto o meu *e-mail* e que autorizavam as filmagens. Fiquei radiante”, confessa. Tinha chegada prevista para as 18horas. Chegou mais cedo e editou a peça que só entrou no telejornal dias mais tarde.

4.3.8. Observações finais da análise

Partiremos para a conclusão através de pequeno quadro para percebermos se ao longo desses cinco dias de análise os jornalistas variam de temas/áreas.

DIAS/JORNALISTAS	HELENA SILVA	LUÍS FONSECA	LAVÍNIA LEAL
DIA 1	Política	Sociedade (Jovens mortos) *	Economia
DIA 2	Sociedade (APAV)	Ambiente	Economia
DIA 3	Economia	Sociedade	Saúde
DIA 4	Sociedade (Meco)	Ambiente	Religião
DIA 5	Saúde	Saúde	Religião/Justiça

*repete no dia 3

Poderíamos ter continuado a nossa investigação que o resultado seria exatamente o mesmo. Os jornalistas que compõe a editoria de sociedade estão constantemente a ser “chamados” para desempenhar tarefas diferentes. Tarefas, muitas delas, que precisam de algum tempo de reflexão, de preparação e de investigação. Nem sempre essa preparação é exequível no pouco tempo que existe para desempenharem as tarefas. Alguns jornalistas chegam mesmo a dizer que um “jornalista de sociedade faz um pouco de tudo, tem que ser dinâmico e tem que saber adaptar-se às dificuldades das tarefas. Somos por isso multifacetados e dinâmicos”.

Para Rita Ramos, editora de sociedade, “o jornalismo já não se faz como se fazia há trinta anos. Nem quando se fazia há vinte quando entrei para a RTP. O tempo em reportagem era muito superior. Se calhar antigamente tinhas um dia para fazer uma reportagem que agora tens duas horas. Mas é a realidade. O rigor não é posto em causa. A forma como contas a notícias é que é diferente. Anteriormente ia-mos à procura de casos e agora não, porque não há tempo. Os factos são confirmados, mas a forma como tu contas é muito mais linear. Isto tudo porque a forma de ver televisão mudou. As pessoas começaram a ver televisão dentro do computador. As pessoas vão ver notícias ao site. O tempo de atenção das pessoas é mais reduzido porque a oferta é muito maior. Há mais canais, canais especializados, sites de informação especializada em diversas matérias e a forma como hoje se faz informação tem que ser obrigatoriamente diferente. Tudo porque as pessoas consomem de forma diferente”.

Embora desempenhando tarefas diferentes os jornalistas, mesmo assim, são concordantes num ponto, o rigor jornalístico. Afirmam que apesar de, em alguns casos, desconhecerem os contornos da notícia, de saberem o essencial, o rigor jornalístico nunca pode ser posto em causa. “Até porque o bom nome da empresa e o “nosso” está em causa. Claro que o rigor existe. Podemos é não considerar em alguns casos o nosso trabalho completo. Vai sempre faltar alguma coisa, porque se não estamos por dentro de todos os pontos da notícia é normal que não os vamos transmitir, seremos sempre mais superficiais na abordagem e não tão específicos”.

Adília Godinho, atual coordenadora do Telejornal da RTP1, foi durante anos jornalista de sociedade e, até inclusive, editora dessa secção. Sobre este assunto diz que “um jornalista de sociedade é a base da informação RTP. O ideal seria termos jornalistas especializados em vários assuntos, porque quando falamos de sociedade falamos de vários assuntos, como justiça, saúde, educação, polícias, segurança e por aí fora. Nós, jornalistas, somos os jornalistas especialistas instantâneos. Nós somos os verdadeiros especialistas do nada, do nada crias um especialista. Os jornalistas podem fazer perguntas. A pergunta é a nossa ferramenta essencial, a nossa curiosidade sobre os assuntos são meio caminho andado para percebermos os assuntos. O importante é fazer perguntas, mesmo que elas nos pareçam tolas e desnecessárias, o principal é que nós consigamos perceber o assunto para sermos objetivos com os outros”.

Para João Adelino Faria não se está “a fazer um bom jornalismo. Há pessoas muito boas, há meios de comunicação muito bons, mas a falta de tempo faz com que não se faça um bom jornalismo. Às vezes fico espantado como é que numa tarde ou num dia se faça uma peça jornalística brilhante, mas isso é exceção. Ninguém consegue fazer depressa e bem. As pessoas têm que ter tempo para pensar, para sair em reportagem, para olhar para aquilo que trazem da reportagem e com isso construir uma peça. Nós sabemos que isto é ficção-científica e sabemos que não há tempo antes, durante nem depois. É tudo para ontem. Felizmente a nova fornada de jornalista já está mais formatada para o agora, noto uma grande diferença entre os mais seniores e os mais novos. Qualquer jornalista deve estar preparado para entrar em direto por qualquer eventualidade. Se nós não tivermos curiosidade não somos jornalistas. A curiosidade é a essência do jornalismo e, depois, perguntar como é evidente. Mesmo que um jornalista não saiba muito sobre um tema o importante é perguntar para que ele próprio possa perceber, alguma coisa, do tema”.

Os jornalistas investigados afirmam que deveria existir dentro da editoria de sociedade mais distribuição das tarefas. Chegam mesmo a dizer que os jornalistas deviam ter pastas específicas para que eles próprios possam ir analisando com calma os assuntos dessa área específica. Ou seja, se um jornalista tiver a pasta da educação esse jornalista ficaria encarregado de perceber todas as temáticas que dizem respeito à educação. Os jornalistas afirmam que por vezes é importante existir esta divisão de tarefas porque assim fortaleciam-se as fontes de informação. “Como andamos sempre a mudar de assunto, de tema, dia após dia, é difícil segurarmos uma fonte, fidelizarmos uma fonte. Isto faz muita falta e faz falta na RTP”, asseguram estes jornalistas.

Podemos também concluir que nem sempre os jornalistas sabem os assuntos de véspera. Como dizem a “atualidade é dinâmica, o mundo não para” e, por isso, são, praticamente em 90% dos casos, surpreendidos com os temas. Não estão à espera dos assuntos e não sabem do que se trata. Têm que se socorrer de outros media, de colegas de profissão, para conseguirem “desenrascar” a notícia num menor tempo possível. O tempo de atuação deveria ser mais curto se os jornalistas estivessem mais preparados. O tempo em que deveriam estar a fazer contactos para as entrevistas e a pensar numa forma cativante e divertida de contar uma história estão a perceber/estudar a notícia. A informação perde e os telespectadores também.

4.3.9. ANÁLISE A DUAS JORNALISTAS

Finda a análise aos três jornalistas escolhidos pela coordenadora de Sociedade, optámos por levar mais longe a nossa investigação e mostrar que não são só estes jornalistas a conviverem com o mesmo problema. Grande parte da equipa de sociedade convive com o mesmo dilema. Sabendo que são recém-contratadas a editora decidiu que não fossem objeto de um estudo intensivo, por isso, optámos por colocar num quadro os acontecimentos que foram cobrindo, exatamente, em cinco dias de análise. Esta investigação é feita através dos registos disponibilizados no ENPS – servidor interno que possibilita a qualquer jornalista consultar os serviços marcados. A análise vai dividir-se em quatro tópicos: o primeiro tópico diz respeito ao tema que a jornalista irá desenvolver; o segundo com a área que se encaixa o assunto; terceiro para o serviço informativo da RTP que a jornalista está a trabalhar; e quarto quem delegou à jornalista o tema. As jornalistas investigadas são a Mariana Flor e Patrícia Cadete.

4.3.9.1. MARIANA FLOR

TEMAS/DIAS	TEMA	ÁREA	PROGRAMA	AUTORIA
DIA 1	Anuidade dos cartões	Economia	Telejornal	Rita Ramos
DIA 2	Alerta Mau tempo. Entrevista com IPMA e Proteção Civil	Sociedade	Jornal da Tarde	Pedro Figueiredo
DIA 3	Direto Proteção Civil	Sociedade	Telejornal	Adília Godinho
DIA 4	Um inspetor da PJ e outros 33arguidos começam a ser julgados no Seixal	Sociedade/Justiça	Todos os serviços da RTP 1 e RTP 3	Cristina Monteiro
DIA 5	Entrevista com a Dir. Geral Veterinária	Sociedade	Todos os serviços da RTP 1 e RTP 3	Rita Ramos

4.3.9.1. PATRÍCIA CADETE

TEMAS/DIAS	TEMA	ÁREA	PROGRAMA	AUTORIA
DIA 1	Emergência média em Évora	Sociedade	Telejornal	Rita Ramos
DIA 2	Volta ao mundo em Arroios (festa)	Sociedade	Telejornal	Rita Ramos
DIA 3	Voluntários leem para cegos na Biblioteca	Sociedade	Telejornal	Rita Ramos
DIA 4	Apoio ao canal de informação	Sem área	RTP 3	Rita Ramos
DIA 5	Direto no IPMA sobre o Mau tempo nos Açores	Sociedade	Jornal da Tarde	Rita Ramos

Conseguimos tirar várias conclusões desta pequena análise. Em cinco dias as duas jornalistas estiveram sempre a desempenhar tarefas diferentes. Não existe uma continuidade em relação aos temas analisados. Se hoje é uma coisa amanhã já é outra e se num dia é um jornalista a acompanhar determinado acontecimento no dia seguinte já é outro. Não existe, por isso, uma regularidade nem de funções nem de temas. As jornalistas investigadas em conversa diziam que nunca sabem o que vão fazer. Acrescentam que “cada dia é um assunto novo, provoca adrenalina, mas ao mesmo tempo nunca sabemos tudo sobre o assunto que estamos a desenvolver. Somos, sim, jornalistas generalistas. Tapamos buracos e fazemos um pouco de tudo”. Nem sempre estas jornalistas trabalham para o mesmo serviço noticioso. Outra das conclusões que podemos retirar é que nem sempre são enviadas para o local do acontecimento pela coordenadora principal da seção de sociedade.

Conclusão

Até que poderíamos ter passado logo para as considerações finais porque já se antevia uma conclusão como esta. A sociedade contemporânea viaja a uma velocidade acelerada que exige por parte dos profissionais da comunicação uma atualização ao minuto ou até ao segundo. Nelson Traquina diz que com “uma avalanche de acontecimentos” faz com que os jornalistas se sintam na obrigação de “dar resposta através das notícias, rigorosas e se possível confirmadas, o mais rapidamente possível, confrontados com a tirania do fator tempo”.

Dominique Wolton diz que existem alguns constrangimentos e elenca três problemas que os considera como crise no jornalismo. O sociólogo acrescenta que uma das fragilidades, mas, que ao mesmo tempo, é uma vantagem que está ligada às novas vias criadas por impulso da tecnologia. Diz, citado por Carlos Camponez¹³, que “o jornalismo consegue facilmente chegar até onde está o acontecimento. No entanto, se as tecnologias facilitarem as comunicações, elas tornaram, pela sua instantaneidade, mais difícil e complexa a função informar”.

A informação continua a ter muita importância na vida das pessoas é, talvez, o suporte de sobrevivência e de reflexão perante o que se passa no país e no mundo.

Segundo Felipe Pena (2005), o jornalismo está intimamente ligado à necessidade “humana de conhecer. Nesse sentido, quando falamos de jornalismo, falamos de uma prática discursiva especializada de produção e transmissão de saber. Diferentemente de um relato de viagem ou de pesquisa, o texto jornalístico possui uma maneira ímpar de registar e contar sobre o que ele conhece ou busca conhecer. Tal discurso é responsável por realizar uma leitura de realidade, atuando de forma a colaborar na constituição do liame social”. Paul Weaver diz que “a notícia de televisão é muito mais coerentemente organizada e coesa, e isto é verdadeiro em relação à estória individual na televisão e nos jornais e também em relação à notícia de jornal e da televisão agregada como um todo. (...) O noticiário televisivo é assim um *table d'hôte*, uma coleção de histórias selecionadas e organizadas de modo a serem vistas integralmente por todo o espectador, sem reduzir o tamanho ou o interesse da audiência à medida que o programa prossegue. O resultado é que o noticiário televisivo contém muito menos histórias e as que contém são cuidadosamente escolhidas devido ao seu interesse e equilíbrio e são apresentadas como um pacote relativamente coerente e integrado”.

O mundo não para e a realidade tem que ser abordada num menor tempo possível. Isso acarreta algumas responsabilidades aos profissionais de comunicação que não têm tempo para chegar a todos os pormenores, muito menos quando o assunto/tema é-lhes apresentado a horas de entrar no Ar. Ficam por isso os destaques principais realçados e os outros ficam escondidos. As peças ficam com um assunto abordado de forma superficial e não muito conclusivo. Muitas e não raras vezes não existe também tempo para contextualizar os telespetadores do assunto que estamos a desenvolver.

Os profissionais devem, assim, estar preparados com todas as ferramentas necessárias para executar a tarefa. Jorge Pedro Sousa refere que se “existe uma crescente especialização

¹³ CAMPONEZ, Carlos. *A crise do jornalismo face aos novos desafios da comunicação pública*. Atas dos *ateliers* do Vº Congresso Português de Sociologia.

no campo jornalístico, quer ao nível das competências técnicas quer do conhecimento de uma área específica do saber, então as empresas jornalísticas pretendem preferencialmente licenciados em jornalismo”.

Não queremos dizer que através desta amostra não se faça bom jornalismo e que o jornalismo praticado na RTP não seja rigoroso e credível. Aquilo que queremos mostrar é que a realidade é demasiado dinâmica, que nem sempre há tempo, nem recursos humanos para chegar a todo o lado no menor tempo possível e, ainda, sermos capazes de especializar a nossa informação. O trabalho que é feito por estes jornalistas na editoria de sociedade é notável porque não param. Se num dia estão a desenvolver um tema e no outro estão a produzir outro completamente diferente quer dizer que, acima de tudo, são jornalistas capazes, multifacetados, dinâmicos, versáteis e com uma grande cultura do país e do mundo. Estes, jornalistas, são, por isso, conhecedores de todas as matérias, não da forma como gostariam, mas da forma que seja possível executar um trabalho, que, segundo eles, é rigoroso, independente e credível.

Jorge Pedro Sousa em – As notícias e os seus efeitos – esclarece que as “*deadlines* rotineiras também afetarão a produção noticiosa, já que os *gatekeepers* ficam constrangidos a seleccionar em função das opções que têm e dos fatores que conseguem ponderar num espaço de tempo limitado” Para o atual *pivot* de informação da RTP, João Adelino Faria, “a falta de tempo aguça o engenho. A falta de tempo é um inimigo. No entanto é preciso tempo para podermos refletir antes de as metermos no ar e nem sempre há tempo. Não há tempo para o jornalista refletir, não há tempo para o *pivot* perceber a história do jornalista e não há tempo, por parte de uma coordenadora, ver todas as peças quando elas chegam em cima do jornal ou até mesmo quando o jornal já está no ar. Estamos em Breaking News all the time”.

Um dos nossos objetivos era perceber como estava organizada a editoria de sociedade da RTP, de modo, a compreender as suas funções. Mostrar que há muito mais para além de uma peça de minuto e meio e que os jornalistas que fazem parte dela convivem com um verdadeiro dilema. Dentro desta área não há uma verdadeira especialização o que provoca angústia aos jornalistas que dela fazem parte, porque anda de um lado para o outro. Digamos que andam a “saltitar” de tema para tema.

O estatuto de televisão pública permite à RTP produzir conteúdos do agrado de grupos minoritários da sociedade. Isto é, a RTP, ao abrigo do serviço público, não precisa de trabalhar em função da concorrência. A informação fala por si. A linha editorial faz com que os conteúdos produzidos sejam uma marca de referência. Adília Godinho considera que “são mais os outros canais a olhar para nós do que nós para eles. Nós temos um escudo, para o bem e para o mal, que se chama serviço público. Outra coisa que é muito importante é a linha editorial da RTP. Não precisas de estar a olhar para a concorrência porque te sentes seguro. Podes fazer aquilo que queremos fazer, um jornalismo de qualidade que reflita o país e que se dirija às pessoas sem ser sensacionalista, não tens que fazer um alinhamento a pensar nas audiências, nem tens que fazer um alinhamento para combateres os outros meios de comunicação social”.

Na obstante disso, este relatório, permitiu uma reflexão sobre o papel da televisão na sociedade e na forma como constrói a realidade. O papel da televisão continua bem presente na vida das pessoas. Ela é capaz de transportar valores, ideias, modas, moldar consciências que de certa forma influênciam a forma de pensar, agir e falar. Mesmo com a

internet, o aparecimento dos *blogs* e das redes sociais que têm a capacidade de difundir mais rapidamente informações, a televisão ainda se torna um fator de socialização e regulação da sociedade. Deste modo, Pierre Bourdieu considera que a TV tem um “poder de fazer ver e fazer crer no que se faz ver”.

Ainda assim, o caminho para a perfeição do jornalismo está longe de acontecer. Esta investigação permitiu-nos chegar a algumas conclusões que merecem ser refletidas para que possam, em conjunto, redefinir a forma de fazer jornalismo. Sim, claro que existe, uma sociedade cada vez mais informada e mais atenta para os trabalhos jornalísticos, que por isso, é preciso batalhar por um jornalismo rigoroso, credível e independente de qualquer pressão. Durante a investigação, os jornalistas, conhecendo as dificuldades que o meio atravessa e até os próprios constrangimentos, dizem que deveria existir mais atenção para a editoria de sociedade e afirmam que os temas deveriam ter mais tempo para serem trabalhados na plenitude de todos os dados. Muitas coisas, segundo os jornalistas investigados, são deixadas para trás ficando um assunto abordado “superficialmente”. É por isso necessária [segundo os jornalistas] uma educação para uma informação mais cuidada e mais informada com a possibilidade de ser ainda mais rigorosa. É necessário um esforço para um entendimento e compreensão por parte das chefias que coordenam os serviços informativos. Acima de tudo mais do que o direito à informação, a sociedade tem direito a uma informação privilegiada organizada e contextualizada do mundo que a rodeia.

Bibliografia

ABIAHY, Ana Carolina. O jornalismo especializado na sociedade da informação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiah-ana-jornalismo-especializado.pdf>

BERGANZA CONDE, Maria Rosa. (2005) *Periodismo Especializado*. Madrid. Ediciones Internacionales Universitarias.

COELHO, Pedro. (2007). *A função social das televisões de proximidade. Por um modelo de comunicação alternativo*. Estudos em Comunicação n.º 1, 319-331.

CORREIA, Fernando. (1998). *Os Jornalistas e as Notícias*. Editorial Caminho

DOWNE Jr., Leonard, SCHUDSON, Michael. (2010). The Reconstruction of American Journalism. http://www.cjr.org/reconstruction/the_reconstruction_of_american.php

ELLIOTT, Phillip. (1978). *Professional Ideology and Organizational Change: The Journalist Since 1800*, in TRAQUINA, Nelson. (2002) *Jornalismo*. Quimera

FERNANDES, A.P.M. (2001). *A Televisão do público: um estudo sobre a realidade portuguesa (1993-1997)*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra

GOMES, Adelino. (2012). *Nos bastidores dos telejornais da RTP1, SIC e TVI*. Edições Tinta da China

KOVACH, B e ROSENSTIEL, T. (2004). *Os Elementos do Jornalismo*. Porto: Porto Editora.

LOPES, F. (2008). *A TV do real: a televisão e o espaço público*. Coimbra: Minerva

POSTER, M. (1999). *A segunda era dos Media*. Oeiras: Celta Editora

QUESADA PÉREZ, Montserrat. (1998). *Periodismo Especializado*. Madrid. Ediciones Internacionales Universitarias.

RODRIGUES, Catarina. (2012) *Jornalismo hiperlocal: sucessos e fracassos da informação de proximidade*. in CORREIA, João Carlos (Org.). *Ágora - Jornalismo de Proximidade: Limites, desafios e oportunidades*. Covilhã-UBI: Livros Labcom, pp. 189-201

SOUSA, Jorge Pedro. (1999). *“O Desejado – Para um perfil do candidato a jornalista pretendido pelos órgãos de Comunicação Social”*. Universidade Fernando Pessoa,

<http://bocc.ubi.pt/pag/sousajorge-pedro-odesejado.htm> /

SOUSA, Jorge Pedro. (2002) *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Argos.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. (2009) *O Jornalismo especializado e a especialização periodística*. Estudos em Comunicação n.º5, 115-133, Maio de 2009.
<http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>

TRAQUINA, Nelson. (1999). *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa: Veja Editora.

TRAQUINA, Nelson. (2002). *Jornalismo*. Quimera

VAN DIJK, Teun. (2005). *Discurso, Notícias e Ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso*. Porto: Campo das Letras

VASCONCELOS, J. Carlos. (2006). *Jornalismo e responsabilidade*. Revista Visão, 27 de julho de 2006 (p.42).

WOLTON, D. (2006). *É preciso salvar a comunicação, Caleidoscópio* – Edição e Artes Gráficas, SA, Casal de Cambra.

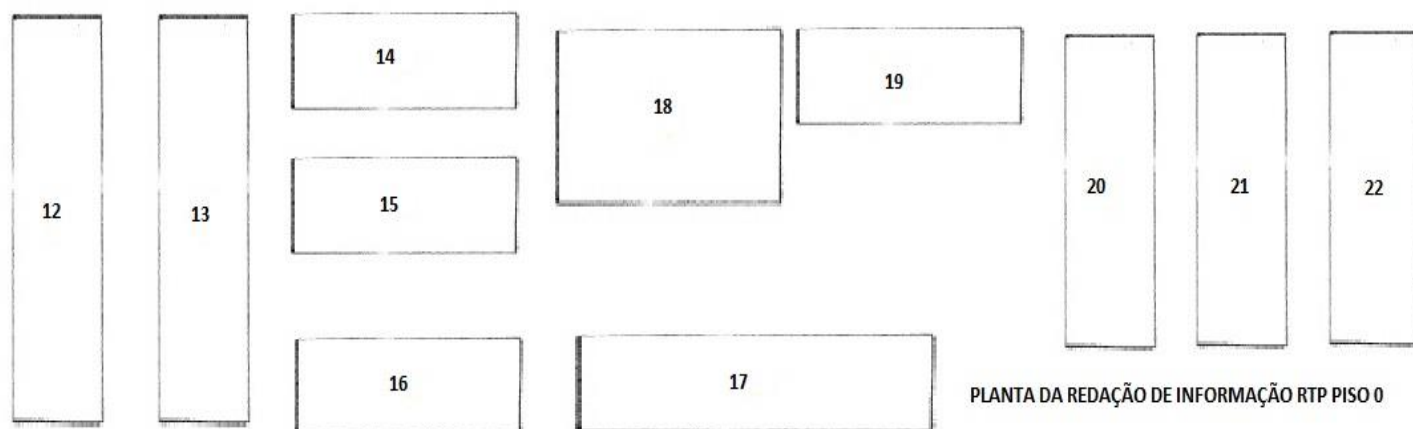
Anexos

1. Tópicos de trabalhos desenvolvidos pelo estagiário curricular
2. Planta do piso 0 da redação de informação da RTP
3. Anexos da análise à Helena Sousa e Silva
4. Entrevista com Helena Sousa e Silva
5. Entrevista com Luís Filipe Fonseca
6. Entrevista com Fernando Rocha
7. Entrevista com Adília Godinho
8. Entrevista com João Adelino Faria
9. Entrevista com Rita Ramos

1. Tópicos de trabalhos desenvolvidos pelo estagiário curricular

- Greve da Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores;
- Quantidade de Incêndios em 2015 sob o prisma da Autoridade Nacional de Proteção Civil;
- Lançamento do segundo álbum dos D.A.M.A.;
- Festival da Abóbora;
- Vigílias e concentrações sobre o caso Luaty Beirão;
- Anúncio da nova grelha de programação do grupo RTP;
- Convocatórias de Fernando Santos para a seleção nacional;
- Lançamento do álbum do artista David Fonseca;
- Promoção dos Açores no Mercado da Ribeira;
- *Workshop* de escrita criativa na RTP;
- Refugiados;
- A marca *Hèrmes* envolvida numa polémica sobre malas de luxo;
- Relatório do voo MH17 foi dado a conhecer à comunicação social;
- Análise e escrita de *pivots* do Telejornal

2. Planta do piso 0 da redação de informação da RTP



- 12-** Equipa de repórteres de Imagem
- 13-** Serviço de Agenda da RTP
- 14-** Equipa do Programa “Bom dia Portugal” e “Portugal em Direto”
- 15-** Realizadores e coordenadores do “Bom dia Portugal” e “Portugal em Direto”
- 16-** Equipa de jornalista que trabalham para o *online*
- 17-** Equipa de investigadores/produtores para o “Linha da Frente”
- 18-** Varandim que dá acesso ao piso -1 (Redação Principal da RTP)
- 19-** RTP África (Jornalistas e Produtores)
- 20-** Equipa de Desporto
- 21-** Equipa de Desporto
- 22-** Equipa responsável pelo programa “As Horas Extraordinárias”/Cultura

3. Anexos da análise à Helena Sousa e Silva

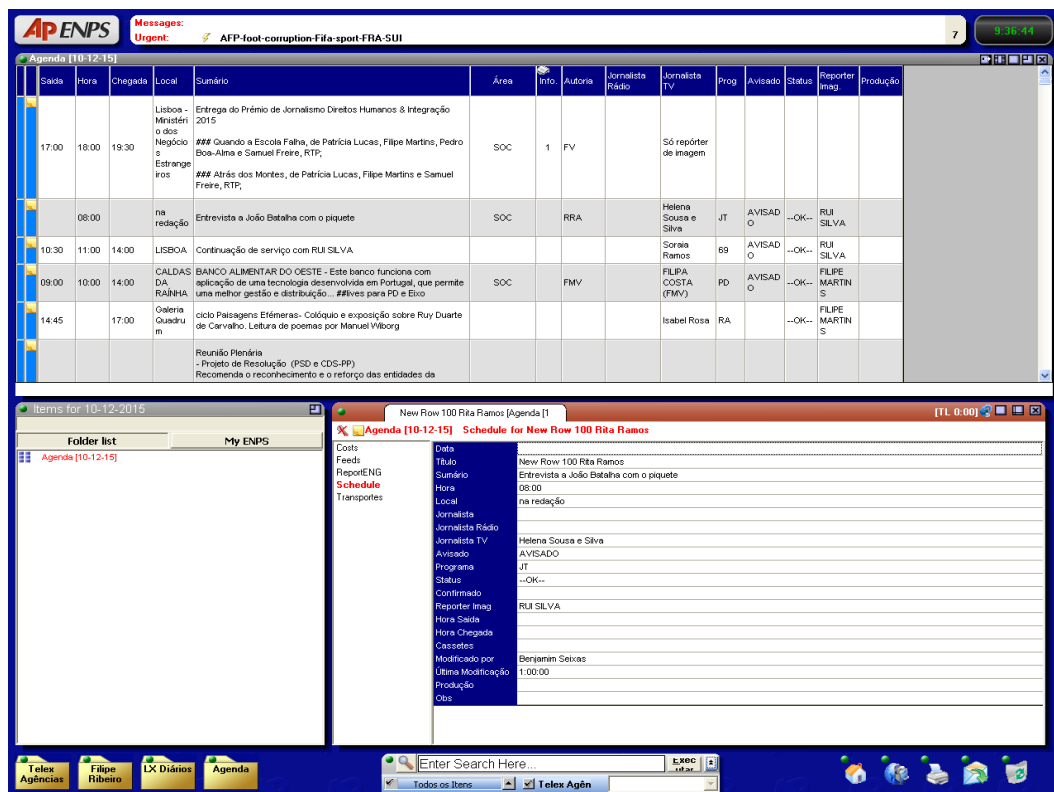


Ilustração 1- Print Screen do software ENPS utilizado pela RTP para gerir, praticamente, tudo. Nesta imagem podemos observar o serviço da jornalista investigada.

	Saída	Hora	Chegada	Local	Sumário	Área	Info	Autoria	Jornalista Rádio	Jornalista TV	Prog	Avisado	Status	Reporter Imagem	Produção
	09:30	10:00	11:30	vr Lx	Reportagem BANIF			NO		Helena Sousa e Silva	JT	AVISADO	--OK--	HUGO MELO	
	09:00	10:00	12:30	LISBOA	CANCELADA DEVIDO ÀS PREVISÕES DE MAU TEMPO NA REGIÃO ***** O PRIMEIRO-MINISTRO RECEBE , EM AUDIÊNCIA, O PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES, NA RESIDÊNCIA OFICIAL DO PRIMEIRO-MINISTRO ## CONFIRMADO - MAIL NA INFO		2	LR		ANULADO			--OK--	CORTE-REAL	

Ilustração 2 – A equipa de Reportagem foi criada para que a jornalista conseguisse ter material para a peça do Jornal da Tarde.

Num	Título	Sub-	Status	Pivot	Apr Final	Jorn.	Del	Origem	Tape ID	MOS Channel	Título MOS
B7	EDUCAÇÃO CONFEDERAÇÃO PAIS		OK	JTC		CTR		SV			EdContPaisBDW/Ocs 1612TX JORGE ASCENÇÃO/Pres. Confederação Nacional Associações de Pais
B8	EDUCAÇÃO AGRUPS ESCOLARES		OK	JTC		CTR		SV			EducAgrupBDW/Ocs 1612TX FILINTO LIMA/Assoc. Nac. Agrupamentos e Escolas Públicas
B9	EDUCAÇÃO SINDICATOS		OK	JTC		CTR		SV			EducSindBDW/Ocs 1612TX MÁRIO NOGUEIRA/Secretário-geral FENPROF JOAQUIM SANTOS/Secretário Nacional FNE
B10	JTC + DIRECTO LISBOA		OK	JTC		OK	D				MARIANA FLOR/RTP Ministério da Educação, Lisboa Lisboa
B11	ALFRAGIDE INTOXICAÇÃO OFF		OK	JTC		RRA		SV			OfIntoxificaTJ/Wcva 1512TX ALFRAGIDE/Intoxicação alimentar numa escola, num infantário e num lar mandou dezenas de crianças e idosos
B12	JTC + DIRECTO ALFRAGIDE		OK	JTC		OK	D				HELENA SOUSA E SILVA/RTP Escola Luís Madureira, Alfragide Alfragide
B13	UMADEIRA vs BENFICA OFF		OK	JTC		JCF		SV			OfUnibentBDW/Jmc 1612TX FUTEBOL PRIMEIRA LIGA/SL Benfica empatou sem golos na Madeira com CF União e está agora a 7 pontos c SPORT TV/Imagens
B14	CLASSIFICAÇÃO QUADRO OFF		OK	JTC		JCF		MPB			
B15	JTC + CONVIDADO		OK	JTC		OK		ccc			UMadeiraSLBW/Jmn 1512TX JOSE NUNES/Comentador RTP

Over 03:27

Agenda [16-12-15]

Saída	Hora	Chegada
	10:15	11:00
	17:00	17:30
	14:00	15:00

LX Diários

Folder list

- EMBARGADOS RTP [31-12-16 23:00]
- AS HORAS EXTRA EMBARGO [31-12-16 22:30]
- Dia Seguinte [16-12-15 22:00]
- HORAS EXTRAS [16-12-15 22:00]
- Três Pontos [16-12-15 22:00]
- TAP Telejornal [16-12-15 20:00]
- Telejornal [16-12-15 20:00]
- Telejornal [16-12-15 20:00]
- Reporter África [16-12-15 19:30]
- Portugal Directo [16-12-15 17:59]
- LINHA RTP [16-12-15 17:00]
- Zoom África [16-12-15 15:30]
- PROMO INFO [16-12-15 13:55]
- PROMO INFO [16-12-15 13:55]
- Jornal da Tarde LX [16-12-15 13:00]
- SINTESE 13 [16-12-15 13:00]
- 1ª Edição R. África [16-12-15 13:00]
- SINTESE 13 [16-12-15 13:00]
- DESPORTO 12:30 [16-12-15 12:30]

My ENPS

JTC + DIRECTO ALFRAGIDE

New Row 100 Luisa Vaz [Ag]

[TL 1:49]

Run-down: Bom Dia - Hora 3 [16-12-15 09:00] Modified: Carlos Manuel 16-12-15 09:50 From: LX Diários

[Deixa:]

Pivot:

escola luis madureira em alfragide
Helena Sousa e Silva.
Helena, a escola tomou medidas?

[<mos>HELENA SOUSA E SILVA.RTP</mos>]

[<mos>Escola Luís Madureira, Alfragide</mos>]

[<mos>Alfragide</mos>]

Duration: 1:45I

Ilustração 3 - Planeamento do direto da jornalista no programa informativo RTP – Bom dia Portugal.

4. Entrevista à jornalista Helena Sousa e Silva

Filipe Canhoto Ribeiro:

Quantos anos de vida e de profissão?

Helena Sousa e Silva: Tenho 49 anos e 26 de profissão. Em sociedade estou há 11 anos.

FCR: Que tipo de funções habitualmente tem?

HSS: Eu, por vezes, tenho reportagens marcadas de véspera e aí já está pré-definido aquilo que vou fazer e as coisas também podem ser alteradas durante o próprio dia mesmo estando marcado.

Quando estou de piquete os assuntos são selecionados pelos coordenadores no próprio dia e eu faço esse tipo de serviços. Podem ser reportagens, diretos, contatos para entrevistas, ajudar a equipa com um assunto que eles próprios estejam enrascados, fazer entrevistas para outras equipas montarem é um pouco por aí.

FCR: Sendo os temas escolhidos no próprio dia como é que se consegue adaptar a eles?

HSS: Às vezes são situações fáceis de tratar outras vezes são difíceis. Tu vais acumulando experiência, ao fim de tantos anos, também fui uma pessoa desenrascada, mas no início nós não temos assim tanta prática, rapidez e, muitas vezes, também tem a ver com o feitio das pessoas. Eu estou muito habituada a este tipo de trabalho. Sei que há muito pouco tempo para preparar as reportagens, é que é assim, eu entro às oito e muitas vezes as coisas são pedidas às 9 ou às 10 para estar pronto à uma, quando tens que fazer contactos, sair em reportagem, visionar, fazer o texto e depois montar tem-se muito pouco tempo. Chego a não ter tempo para estudar os assuntos. Vou dar um exemplo: há jornalistas que quando lhes dão o tema começam a investigar um pouco, a ler tudo e mais alguma coisa para se sentirem preparados e só depois começam a tratar dos contactos. Como já estou formatada para este *stress* e ser rápida a fazer as coisas por vezes faço de forma diferente. Aconteceu há dias uma coisa muito idêntica a este exemplo, eu tinha uma notícia para fazer sobre a lista das empresas que devem à segurança social vai começar a ser pública. O que é que eu fiz? Era uma folha A3 do JN [Jornal de Notícias] li o título, dei uma leitura na diagonal, sabia o contacto que tinha a fazer e fiz logo depois. Isto em 5 minutos, eram nove e pouco, quando liguei ao senhor e me disse que às 10 tinha um compromisso. Ou seja, se tivesse feito os contactos mais tarde não tinha conseguido a entrevista e depois? Depois não tinha notícia. O ideal é ler, principalmente, quando não dominas nada do tema. Basta o entrevistado não te dar uma resposta que afeta logo o teu trabalho. Esta é umas das dificuldades que eu sinto de manhã. Eu gasto imenso tempo a fazer contactos. Já cheguei a esperar uma a duas horas para saber se tenho ou não entrevistado e isso, claro, afeta a notícia.

FCR: Já sofreu algum tipo de pressão, de tempo, por parte dos editores, coordenadores?

HSS: Tu tens sempre prazos a cumprir. Quando te dão um acontecimento o ideal é ires o mais rápido possível para seres o primeiro a dar a notícia. Muitas vezes a rapidez pode não coincidir com o rigor jornalístico ou com a recolha de informação. Ainda assim aqui há rigor, objetividade e trabalha-se como deve ser e, em alguns sítios [outros meios de comunicação],

pedem-te para fazeres um direto de 10 minutos quando só tens uma frase de informação. Isto também não é a metro. Aí é um dos grandes erros que se comete hoje em dia no jornalismo.

FCR: Como é que caracteriza um jornalista de sociedade com a diversidade de temas que é sujeito ao longo da sua profissão?

HSS: Não é fácil muitas vezes. É estimulante por nunca estarmos parados num só tema, mas, por outro lado, muito complicado e um grande *stress*. Até porque sociedade já abrange muitos temas e nós muitas vezes fazemos reportagens de outras áreas como de economia, política. Eu acho que a grande dificuldade é nunca aprofundarmos um tema: Não és especialista em saúde, em educação, em direito e já não falo das outras áreas que muitas vezes és confrontado com elas.

FCR: Deveria existir dentro da própria editoria mais especialização?

HSS: Deveria, claro, e nós já tivemos. O ideal seria termos algumas pessoas que consigam fazer especialização. É bom para a RTP e para a redação porque estão dentro dos assuntos. Nós fazemos tudo e mais alguma coisa. Devíamos ter pessoas especializadas em diferentes coisas como ambiente, saúde, educação, defesa.

FCR: O jornalismo de sociedade que hoje se pratica na RTP deve ser mudado?

HSS: Depende do número de pessoas que tens para trabalhar, porque nem sempre é possível estar em todo o lado e, por vezes, é importante rentabilizar os recursos.

5. Entrevista com Luís Filipe Fonseca

Filipe Canhoto Ribeiro: Quantos anos?

Luís Filipe Fonseca: 44 anos de idade. Estou desde 1997 na RTP, ou seja, há 18 anos enquanto jornalista.

FCR: Quem coordena o seu trabalho?

LFF: Quem manda no trabalho que vou fazer é a editora de sociedade, nomeadamente a Rita Ramos. Posso também ser emprestado a outras editorias quando é preciso. Ao fim de semana é a coordenadora do telejornal que distribui as funções a cada jornalista. Pode ser a Florbela ou a Adília que estão por norma a coordenar este serviço informativo ao fim de semana.

FCR: Que tipo de rotinas costuma ter?

LFF: Geralmente olho para aquilo que tenho para fazer, tento perceber se já está alguma coisa decidida para mim, almoço e depois venho ver como é que pego no assunto. Se já tiver assunto tento organizar-me mentalmente

Varia muito. Por vezes temos uma indicação, que nem sempre é “para levar a sério”, porque a realidade é dinâmica e aquilo que é muito importante num dia, no dia seguinte já não é. Muitas vezes acabas por ter uma coisa marcada de véspera e no dia seguinte, como surge outra coisa mais importante, já vais ter que deixar essa tarefa. Por norma quem dá estas ordens é sempre a editora.

FCR: Os assuntos que costuma trabalhar ocorrem por marcação de véspera ou no próprio dia?

LFF: Geralmente comigo é no próprio dia. Nunca sei aquilo que vou trabalhar. A última coisa que nós fazemos é escrever. Antes de se dar tem que se recolher informação. Quando te dão o assunto, aquilo que fazemos, é perceber e analisar aquilo que já fizeram sobre isso quer em jornais, sites e televisão. Convém também ver o que a RTP já fez sobre o tema para saber aquilo que posso acrescentar de novo.

No que toca ao assunto do mau tempo nos Açores está um pouco fora do nosso raio de ação. A equipa que está no local é que tem que perceber o importante, porque a recolha é feita no terreno. Embora nunca te podes esquecer de valorizar a imagem, porque nós fazemos televisão e tudo vai depender das imagens que temos. Estas peças são terríveis porque as imagens chegam-nos muito tarde. Tens que organizar bem o teu dia para que cada uma das tuas fases seja realizada.

FCR: O pouco tempo pode ser prejudicial quando se quer contar uma boa história?

LFF: O tempo é o que é. Trabalhamos com o que temos. Claro que gostávamos de ter mais tempo, claro que se tivéssemos mais tempo para trabalhar um tema seria melhor do que se tiver pouco tempo. Mas isto é uma contingência da profissão.

FCR: Se tivesse a pasta da educação, por exemplo, e só trabalhasse com educação seria mais fácil?

LFF: Claro que sim. Aí não teria que me inteirar tanto sobre as coisas. Há coisas que já sabemos que já acompanhamos, já sabemos as dinâmicas, as fontes e tudo mais.

FCR: Para um jornalista que trabalha sempre assuntos diferentes, quais são as dificuldades que enfrenta?

LFF: A dificuldade é trabalhar sempre sem rede. Mas também depende do assunto. Há assuntos que precisam de muito contexto e há outros que precisam menos. Precisam é que a informação seja trabalhada.

FCR: Como é que caracteriza um jornalista que trabalhe na editoria de sociedade?

LFF: Geralmente são pessoas versáteis. São pessoas onde lhes é exigido na criação das suas peças mais criatividade. Na verdade muitos especialistas são pseudo-especialistas. Existem muitas pessoas que sabem muito mas que têm pouca capacidade para transmitir. Ser especialista é uma coisa muito relativa. Não basta irmos com perguntas muito específicas para os nossos entrevistados para mostrarmos que até sabemos, se depois a nossa audiência não consegue decodificar a mensagem. Devemos ir logo ao cerne da questão e não devemos andar com rodeios.

6. Entrevista com Fernando Rocha

Responsável pela gestão dos repórteres de imagem da RTP

Filipe Canhoto Ribeiro: Como funciona e que tipo de vantagens tem para a transmissão de imagens?

Fernando Rocha: Tu aqui só tens uma pessoa a operar o equipamento, contrariamente aos carros satélite. Tem o peso de uma bateria e permite muito rapidamente e com custos reduzidos chegar em direto à casa dos Portugueses. A vantagem é que é muito barato e através de um repórter de imagem estás em direto de qualquer parte do mundo basta teres 3G ou 4G.

FCR: E desvantagens?

FR: As desvantagens ainda não estão apuradas, porque o equipamento é novo e certificado, mas há quem defenda essa tese, porque o aparelho transmite micro sondas e em alguns casos pode quebrar o sinal. Repito, este aparelho tem mais vantagens que desvantagens.

FCR: Que transmissões são feitas?

FR: É para informação. A informação é, cada vez mais, estar no local e transmitir. Quem conseguir colocar na sua estação o acontecimento mais rápido é quem ganha. Ganha em audiência. O futuro passa por equipar todos os repórteres de imagem com *teradeks* porque a qualquer altura podem estar em direto. Atenção que isto não serve só para diretos mas também para enviar para a estação imagens e outro redator montar a peça com essas imagens.

7. Entrevista com Adília Godinho

Coordenadora do Telejornal e subdiretora de Informação RTP

Adília Godinho está a coordenar o telejornal – principal serviço informativo da RTP – há três anos. Tem 48 anos de idade e é responsável pelo alinhamento deste serviço informativo de segunda a sexta-feira.

Filipe Canhoto Ribeiro: Como é que se prepara um Telejornal?

Adília Godinho: A redação está dividida por editorias. São os editores, responsáveis por essa secção, que organizam as tarefas que cada jornalista deve desempenhar. O coordenador, mesmo assim, tem que ter um olhar atento a tudo, de todas as editorias, porque pode um editor não estar atento e o coordenador aí deve “chamar” à atenção do editor para determinada matéria. Ou seja, um coordenador de telejornal deve ter um conhecimento de todas as matérias. Cada editor, depois de analisar a agenda, as “cachas” deverá distribuir as notícias por cada jornalista dessa editoria. Estando o trabalho distribuído, os respetivos editores numa reunião diária de preparação do telejornal e da tarde informativa da RTP3 devem expor as notícias que cada jornalista está a trabalhar para que, em reunião [constituída pelo coordenador do Telejornal, editores, subdiretores de informação, coordenadores da RTP3, coordenador dos repórteres de imagem e editores de vídeo], seja “construído” provisoriamente o alinhamento do telejornal. São assim estabelecidas as funções de cada jornalista. O alinhamento, como disse, é provisório que ao longo da tarde pode se ir alterando consoante o mundo, porque a informação é dinâmica. Na reunião ficam estabelecidas algumas coisas. Se fazemos peça, se fazemos peça e direto, se fazemos só *off* mais direto ou então se fazemos *off* ou *off* com “colaBoca”. Fica também decidido se fazemos grafismo e ainda se temos ou não palco [Palco consiste na transmissão de um grafismo animado apresentado em direto pelo pivot de informação].

Para além desta reunião diária, há também uma reunião semanal onde reunimos com os diretores de informação e, respetivos, editores de secção para que tenham um planeamento semanal. Ou seja, sabemos a que horas entram os exclusivos da RTP3, por exemplo, se interrompemos a emissão da RTP3 para transmitirmos o debate quinzenal, se entramos mais cedo com um exclusivo, se tivermos jogos de futebol quanto tempo tem o telejornal e assim sucessivamente. Estas reuniões servem para que os editores e coordenadores saibam com aquilo que podem contar na altura de distribuírem as tarefas diárias a cada jornalista.

Costumo dizer que o alinhamento do telejornal só está concluído às 21horas, porque é quando o jornal acaba. Aí sei exatamente que notícias entraram, que tipo de ângulo tinham, que tempo tinham e por aí fora. Só depois das 21h é que sabemos aquilo que conseguimos dar.

FCR: O que pretende transmitir o telejornal?

AG: O telejornal pretende refletir, da forma mais fiel, o dia em termos noticiosos. Ou seja, não só com a importância das notícias mas também aquilo que aconteceu de relevante no país e no mundo. Um assunto que ao início da tarde parecia ser muito interessante ao meio da tarde pode revelar-se um assunto pouco importante, ou por falta de protagonistas ou porque o assunto por si próprio morreu com a tarde. Isso é a prova de como o mundo pode mudar e os

alinhamentos podem mudar de um momento para o outro. Este trabalho é dos editores e também dos coordenadores. Tem que existir um trabalho muito intenso para percebermos e avaliarmos se o assunto tem a relevância necessária para ter cobertura no telejornal. Os alinhamentos constroem-se em função da relevância da notícia.

FCR: Durante a execução do telejornal há um olhar atento para o que a concorrência está a colocar nos seus jornais?

AG: Não. No entanto, são mais os outros canais a olhar para nós do que nós para eles. Nós temos um escudo, para o bem e para o mal, que se chama serviço público. Outra coisa que é muito importante é a linha editorial da RTP. Não precisas de estar a olhar para a concorrência porque te sentes seguro. Podes fazer aquilo que queremos fazer, um jornalismo de qualidade que reflita o país e que se dirija às pessoas sem ser sensacionalista, não tens que fazer um alinhamento a pensar nas audiências, nem tens que fazer um alinhamento para combateres os outros meios de comunicação social.

FCR: Como é que se consegue contar a história do país e do mundo em apenas 50 minutos (duração do telejornal sem o intervalo)?

AG: Com muitos gritos! Tens que deixar algumas peças de fora. Tens que pedir aos jornalistas para fazer peças mais curtas. Este é um pormenor que nos diferencia da concorrência, eles têm um jornal com uma hora e vinte e o nosso acaba imperativamente às nove da noite e em alguns dias antes. Por isso é que é importante estar atento ao longo da tarde para perceber a relevância dos assuntos. Por exemplo uma peça que para o jornalista é muito importante que até tem muitos entrevistados, mas que por relevância do que acontece no país acaba por não ter assim tanto relevo, logo, a história já não pode ser narrada em dois minutos e meio tem que ser em menos tempo. Isto é o trabalho de um coordenador, estar atento e avaliar a importância que as histórias têm para as pessoas.

FCR: O telejornal da RTP ainda tem o mesmo peso na vida dos portugueses?

AG: Claro que sim. O telejornal da RTP é uma marca que nós sabemos que é essencial à RTP, de credibilidade, de segurança e de enorme importância por parte das pessoas.

FCR: As pessoas ainda esperam pelas vinte horas para saber o que se passa?

AG: Não sei. Tem muito a ver com a idade, com os dispositivos móveis com internet que tens contigo, não sei. A informação que é dada às oito da noite é uma informação mais cuidada, mais pensada e com enquadramento.

FCR: Como se caracterizam os jornalistas de sociedade?

AG: Durante anos fui jornalista de sociedade e, até inclusive, editora dessa secção. Um jornalista de sociedade é a base da informação RTP. O ideal seria termos jornalistas especializados em vários assuntos, porque quando falamos de sociedade falamos de vários assuntos, como justiça, saúde, educação, polícias, segurança e por aí fora. Nós, jornalistas, somos os jornalistas especialistas instantâneos. Nós somos os verdadeiros especialistas do nada, do nada crias um especialista. Os jornalistas podem fazer perguntas. A pergunta é a

nossa ferramenta essencial, a nossa curiosidade sobre os assuntos são meio caminho andado para percebermos os assuntos. O importante é fazer perguntas, mesmo que elas nos pareçam tolas e desnecessárias, o principal é que nós consigamos perceber o assunto para sermos objetivos com os outros.

8. Entrevista com João Adelino Faria

Jornalista e atual *pivot* do Telejornal da RTP1

O atual *pivot* de informação da RTP conta já com um longo currículo. Começou pelos jornais, onde fazia de tudo, mais tarde pela rádio e, só depois, pela televisão. É formado em direito, mas já fez diversas formações em Portugal e no estrangeiro na área da comunicação. Foi por diversos anos jornalista na área de sociedade nos mais variados meios de comunicação por onde passou.

Filipe Canhoto Ribeiro: Que tipos de notícias têm, hoje em dia, importância na vida das pessoas?

João Adelino Faria: Todas. Todas as notícias têm importância. Quando fazes um alinhamento tens que perceber o que foi mais importante nesse dia. Ou seja, tens que fazer uma hierarquia, da notícia mais importante à menos importante, mas que não quer dizer que seja menos importante que a primeira. É apenas um assunto mais descontraído. No telejornal tudo é importante.

FCR: Como é que se consegue contar a história do país e do mundo em 50 minutos?

JAF: Nunca se consegue contar em 50 minutos. Eu diria e perguntaria, como é que se consegue contar a história do país e do mundo em vinte a trinta minutos. Na minha opinião um bom jornal deveria ter esse tempo. Mais do que isso é excesso de tempo. Habituei-me aos noticiários britânicos que em 30 minutos estava lá tudo e muito bem feito. Em Portugal a tradição é outra. Temos falta de poder de síntese, de poder de seleção e ainda falta de dinheiro. A informação para ser muito bem-feita precisa de dinheiro. Precisamos de investigar notícias.

FCR: Com a sua experiência, acha, que se está a fazer um bom jornalismo?

JAF: Acho que não se está a fazer um bom jornalismo. Há pessoas muito boas, há meios de comunicação muito bons, mas a falta de tempo faz com que não se faça um bom jornalismo. Às vezes fico espantado como é que numa tarde ou num dia se faz uma peça jornalística brilhante. Ninguém consegue fazer depressa e bem. As pessoas têm que ter tempo para pensar, para sair em reportagem, para olhar para aquilo que trás da reportagem e com isso construir uma peça. Nós sabemos que isto é ficção-científica e sabemos que não há tempo antes, durante nem depois. É tudo para ontem. Felizmente a nova fornada de jornalista já está mais formatada para o agora, noto uma grande diferença entre os seniores e os mais novos. Qualquer jornalista deve estar preparado para entrar em direto por qualquer eventualidade. Se nós não tivermos curiosidade não somos jornalistas. A curiosidade é a essência do jornalismo e, depois, perguntar como é evidente. Mesmo que um jornalista não saiba muito sobre um tema o importante é perguntar para que ele próprio possa perceber, alguma coisa, do tema.

FCR: A falta de tempo prejudica o rigor?

JAF: A falta de tempo aguça o engenho. A falta de tempo é um inimigo. No entanto é preciso tempo para podermos refletir antes de as colocar no ar e, nem sempre, há essa

disponibilidade. Não há tempo para o jornalista refletir, não há tempo para o *pivot* perceber a história do jornalista e não há tempo, por parte de uma coordenadora, ver todas as peças quando elas chegam em cima do jornal ou até mesmo quando o jornal já está no ar. Estamos em *Breaking News all the time*.

FCR: Que opiniões têm as pessoas das notícias e do jornalismo?

JAF: As pessoas querem ver a informação toda arrumada. A internet não veio prejudicar, mas veio dispersar as pessoas. Até nós. Nós quando fazemos uma pesquisa temos tanta informação que por vezes é difícil selecionar a mais importante. Isso acaba por ser muitas vezes confuso. O jornalista perdeu muito a sua função de investigar, passando a dar importância ao selecionar e ao explicar. Isto porque na internet todos nós somos jornalistas. As pessoas pensam que ao criar um blogue são jornalistas e não são porque há princípios de ética (ninguém ouve as duas partes). É fácil colocar na net um texto sem ouvir, sem verificar e tudo mais. Nós até podemos não abrir o jornal com uma novidade, mas abrimos com certeza daquilo que damos. No momento em que há tanta informação, tanta contaminação nós devemos ser um pilar de confiança. No momento em que perdermos o rigor e a credibilidade passas a ser um blogger.

FCR: Que visão tem sobre um jornalista especializado?

JAF: Não gosto da palavra especialização. As pessoas têm mais experiência num setor do que noutro. Porquê? Porque trabalharam mais vezes nesse tipo de notícias ou que estão há mais anos a fazer isso. Um jornalista deve fazer um pouco de tudo. Deve estar apto a fazer uma notícia sobre qualquer coisa e depois por apetência ou por fazer mais de uma determinada área acaba por trabalhar mais esse tema.

Continua a fazer sentido existir editorias, porque quando tiver dúvidas sobre um determinado assunto sei já a quem recorrer porque ele ou ela vai estar a desenvolver mais sobre o assunto. As notícias são maioritariamente de sociedade e preenchem o jornal. Hoje tudo é sociedade mesmo com assuntos direcionados para economia ou política. Por exemplo se estamos a falar da taxa de desemprego sabemos que é de economia mas envolve a sociedade. A sociedade é sempre um coração muito grande. Por isso é que tem tantas pessoas.

9. Entrevista com Rita Ramos

Jornalista e Editora de Sociedade

Tem 41 anos de idade em que 20 anos foram dedicados à RTP. É editora de sociedade desde dezembro de 2014, ou seja, há um ano e meio. Tem ao seu dispor 25 pessoas que trabalham todos os dias para assegurar os vários serviços de informação. É uma das editorias que mais funcionários tem, de modo, a dar resposta a todos os assuntos e a todos os piquetes. Assegura também outros programas para além do telejornal, como o Portugal em Direto, Bom dia Portugal, Jornal da Tarde, Sexta às 9, Linha da Frente e RTP África.

Filipe Canhoto Ribeiro: Como caracteriza a editoria?

Rita Ramos: Esta é a editoria vital para a informação RTP. Cobre mais temas e tem que estar preparada para tudo. É a editoria que assegura todos os piquetes desde a madrugada até às 24 horas. Cobre áreas como a saúde, educação, justiça, ambiente, ou seja todas as áreas que são respetivas de sociedade e, ainda, tem que estar preparada para acorrer a outras situações de economia, política, desporto o que seja. As outras editorias para além de serem poucos acabam por estar mais agarradas a serviços de agenda. Acaba por ser a editoria que está em todo o terreno.

FCR: Como é que organiza e distribui o trabalho para estes jornalistas?

RR: Ajuda, e, muito termos pessoas que trabalhem determinados assuntos. Isso permite que essas pessoas tenham mais autonomia. É muito difícil a pessoa controlar tudo o que se passa a todas as horas. Tenho que ter pessoas em que eu confio, que estão atentas a determinados temas, e que se tiver uma dúvida posso ir junto delas para a esclarecer. Nós, muitas vezes, ao longo do dia vamos dizendo aos jornalistas para começarem a investigar determinados temas. Eles têm uma tarefa em mãos e se surgir algo mais importante eles acabam por ser desviados para outros assuntos. Tento circunscrever um tema a uma pessoa em específico. Porquê? Porque essa pessoa pode já ter feito diretos, peça e já tem alguma bagagem.

FCR: Como é que os jornalistas conseguem mudar de assunto de um dia para a noite?

RR: Muitas vezes estamos a falar de jornalistas muito experientes na editoria. Começa, logo, por aí. São pessoas que em alguns casos já têm alguma preparação para se adaptarem a tudo. Este é um padrão que existe na editoria de sociedade da RTP. Existem poucas pessoas e o trabalho aumentou nos últimos 10 anos. Cobrimos mais programas na RTP3 e noutros serviços informativos da RTP1. Estes jornalistas devem ter um espírito prático e uma grande capacidade de organização (devem focar-se naquilo que deve ser essencial). É mais difícil no início mas depois as pessoas começam a habituar-se à rotina. Já não esperam um assunto igual, mas sim um assunto diferente. É muito difícil. Há pessoas que mudam de “*ship*” todos os dias e, em alguns casos, mudam mais do que uma vez por dia. Não há muito tempo para as pessoas pensarem e mudarem o “*ship*”, têm que o fazer, é reagir.

FCR: O jornalismo não é colocado em causa pela falta desse tempo?

RR: Claro que sim. O jornalismo já não se faz como se fazia há trinta anos. Nem quando se fazia há vinte quando entrei para a RTP. O tempo em reportagem era muito superior. Se calhar antigamente tinhas um dia para fazer uma reportagem que agora tens duas horas. Mas é a realidade. O rigor não é posto em causa. A forma como contas as notícias é que é diferente. Anteriormente ia-mos à procura de casos e agora não, porque não há tempo. Os factos são confirmados, mas a forma como tu contas é muito mais linear. Isto tudo porque a forma de ver televisão mudou. As pessoas começaram a ver televisão dentro do computador. As pessoas vão ver notícias ao *site*. O tempo de atenção das pessoas é mais reduzido porque a oferta é muito maior. Há mais canais, canais especializados, *sites* de informação especializado em diversas matérias e a forma como hoje se faz informação tem que ser obrigatoriamente diferente. Tudo porque as pessoas consomem de forma diferente.

FCR: De que forma é que as redes sociais interferem no trabalho jornalístico?

RR: Com a internet o número de informação disponível é muito maior, mas nem tudo o que vem nas redes sociais é verdadeiro. Tens muito mais informação para confirmar. O fluxo de informação é tão grande e a concorrência é tão feroz que acabas por não ter muito tempo entre o confirmar e meter no ar. Isso afeta o trabalho e as pessoas ficam com um *stress* ainda maior.